

Água:

um recurso natural esgotável

Comunidade escolar apresenta projetos e propostas que visam colaborar para o uso sustentável dos potenciais hídricos



CRA-RJ promoverá o XIV Fórum Internacional de Administração na cidade do Rio de Janeiro e conta com a sua participação!

Wagner Siqueira*

Professores, gostaria de convidá-los para este que será o maior evento de Administração em 2015! No ano em que a regulamentação da Administração como profissão no Brasil completa 50 anos, promovemos o XIV Fórum Internacional de Administração, que acontecerá entre os dias 18 e 20 de maio, na cidade do Rio de Janeiro. O tema central escolhido para o Fórum foi "50 anos de transformação e o futuro da Administração". Para nós do CRA-RJ, essa é uma boa fatia de tempo para articular o passado ao futuro. Ao todo o Evento contará com 11 palestras magnas e 5 painéis, nos quais serão discutidas e abordadas questões de grande relevância para a sociedade como um todo. Serão três dias de debates e a Educação não poderia ficar fora de nossa pauta de discussão. No Museu de Arte Moderna, teremos dois painéis que tratarão exclusivamente do assunto: A crise na educação: um problema institucional? O principal recurso da sociedade do conhecimento precisando se tornar prioridade de todos. A pessoa constrói o seu destino através da Educação que a forma e transforma num contexto global de sociedade do conhecimento, em que os saberes disponíveis são insuficientes para a solução de problemas que exigem a intervenção humana? Vamos debater a qualidade do ensino de forma geral, e específica de Administração, e as mudanças necessárias para ampliar sua importância no cenário profissional. Grandes nomes de alcance nacional e internacional fazem parte do time de palestrantes do evento. O filósofo francês Sebastián Charles, um dos principais especialistas mundiais em hipermodernidade; filósofo e pensador francês Pierre Lévy; o educador colombiano Bernardo Toro e o articulista brasileiro José Pastore são alguns deles. Além das palestras magnas e painéis, o XIV FIA conta com uma programac o cultural especial: a encena o da pea a 'O Mercador de Veneza', de William Shakespeare, seguido por um debate; o 'Happy Hour da Administra o', ao som dos DJs Loopy e André Lessa e no último dia a apresenta o da Bateria da Escola de Samba carioca Mocidade Independente de Padre Miguel. Serão momentos de conagraamento entre os participantes! As inscri es para o XIV FIA estão abertas no [site fia2015.com.br](http://sitefia2015.com.br) e será um prazer compartilhar estes momentos com vocês.

*Wagner Siqueira   Administrador Presidente do CRA-RJ.



Hidroalfabetiza o

Maurício Andrés Ribeiro*

Quando um cidadão urbano bebe um copo d'água, raramente sabe de onde ela veio, por qual tipo de tratamento passou para tornar-se potável, qual o manancial em que foi produzida, de onde vieram ou como se formaram as nuvens das quais se originou. Quando toma banho ou lava as mãos, tampouco sabe para onde vai aquele líquido: se será tratado antes de ser devolvido a um rio ou lago, e se esse corpo d'água servirá como fonte de abastecimento para alguém rio abaixo. Tornou-se hidroalienado.

A sensa o de abundância de água gera a atitude de descaso para com ela. Quando falta, acorda-se para seu valor e toma-se consciência de sua importância vital. A hidroaliena o começa a se dissolver quando a água torna-se um assunto devido   sua escassez ou ao seu excesso, que traz inunda es. O cidadão se pergunta, então: se o Brasil dispõe de 12% de toda a água doce do mundo, por que ela falta na minha torneira ou na minha casa? Por que a infraestrutura para captá-la, transportá-la, tratá-la e distribuí-la   desigual, cara e beneficia os que mais podem?

Para superarmos o hidroanalfabetismo e aprendermos a conviver de modo harmônico com a água são valiosas várias abordagens. Precisa-se aprender que o precioso líquido passa pelo nosso corpo e pelos corpos dos demais seres vivos animais e vegetais, e que somos parte do seu ciclo integral. A instala o de balancas hídricas em museus de ciência e tecnologia, que pesem e mostrem a quantidade de água existente no corpo de cada pessoa, criança ou adulta,   um instrumento poderoso para despertar tal consciência.

Do mesmo modo, visitas guiadas a esta es de tratamento de água são valiosas para que se perceba o investimento necessário para colocar a água num padrão de qualidade que a torne potável. Visitas a esta es de tratamento de esgoto são úteis para que sejam percebidos os custos de sua despolui o.

A observa o de sistemas para captar água de chuva e de cisternas para armazená-la também   valiosa: ajuda a conceber meios de aproveitar de modo descentralizado a água que vem da atmosfera para finalidades úteis no cotidiano, tais como regar jardins e usos não potáveis.

  relevante aprender sobre as bacias hidrográficas e como se interconectam as águas superficiais e as subterrâneas. Conhecer o valor dos serviços prestados pela



Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Ant nia Lúcia Figueiredo
(M. T. RJ 22685/JF)

Colabora o
Sandra Martins, Jéssica Almeida,
Richard Günter e Tony Carvalho

Fotografia
Marcelo  vila

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira
Marcel Schocair Costa

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 69.000 (sessenta e nove mil)

Impressão e distribui o
Gráfica Edlouro – Correios

Professores, enviem seus projetos para a reda o da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2  andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletr nico:

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

natureza quando há áreas de proteção de mananciais que facilitam a infiltração de água no solo e a formação de reservas subterrâneas. Cada vez que se perdem tais serviços ambientais, aumenta a necessidade de investir em obras de infraestrutura hídrica – reservatórios, aquedutos, estações de tratamento, o que encarece o custo da água.

Em nosso tempo de mudanças climáticas, o tema da água veio para ficar, pois ela é o elemento da natureza que responde mais diretamente a variações de temperatura. Eventos extremos de seca e inundação tornam-se mais frequentes e intensos. Conhecer também como as ilhas de calor que se formam sobre as cidades aumentam os riscos de inundações.

Na escala global, saber como funciona o ciclo da água na natureza e sua presença em estado gasoso, líquido ou sólido, como evapora ou congela, ajuda nessa tomada de consciência. Isso envolve também saber sobre a formação e a movimentação de nuvens e chuvas, e sobre o grande serviço prestado pela evaporação nos oceanos, que dessaliniza a água de modo natural. Na escala de um continente como a América do Sul, é relevante saber como os rios voadores, as nuvens que se movimentam a partir da Amazônia, contribuem para as chuvas no centro-oeste e no sudeste, e as conexões que existem entre as torneiras secas no sudeste e o desmatamento da Amazônia.

A abordagem econômica pode ser realçada ao se evidenciarem os prejuízos sofridos na indústria, na agricultura, nos transportes e na geração de energia quando falta água; e ao se valorizarem os serviços hídricos prestados gratuitamente pela natureza.

Nesse contexto das mudanças climáticas aumenta a imprevisibilidade, as séries históricas de dados de chuva e vazão tornam-se referências menos úteis e aumentam os riscos de conflitos entre os vários usuários da água (por exemplo, entre hidrovias x geração de energia; geração de energia x agricultura; agricultura x abastecimento humano). Tais conflitos tendem a crescer à medida que a população aumenta e a demanda por água também se expande. Aprender sobre os conflitos que ocorrem entre países, estados e municípios que disputam uma mesma água traz a dimensão social e política.

Há, então, a necessidade de aprender como reduzir o consumo e desenvolver tecnologias que levem à redução de desperdícios. Os arquitetos, engenheiros e urbanistas podem projetar ambientes construídos e cidades que se relacionem de modo harmônico com a água e nos quais ela esteja integrada.

De especial importância é a hidroalfabetização de governantes – prefeitos e vereadores, governadores e deputados, presidentes, ministros e senadores, juizes e promotores – pois de sua consciência depende a formulação e colocação em prática de políticas e programas que levem a uma relação consciente da sociedade e dos cidadãos com a água.

É necessário promover a hidroconsciência e o conhecimento, a capacitação dos cidadãos, dos usuários da água, dos técnicos, dos gestores públicos e dos empresários. Pro-

gramas e campanhas de comunicação são parte relevante da hidroalfabetização. Jornalistas e comunicadores têm papel relevante na hidroalfabetização, assim como professores de crianças, jovens e adultos. Do mesmo modo, nas escolas e nas universidades, em cada disciplina o tema da água pode ser abordado com criatividade, de modo a despertar a curiosidade dos estudantes e a formar pesquisadores e cientistas hidroconscientes. Profissionais de todos os campos podem aplicá-la, intelectuais usar a razão para expandir e elevar a relação das pessoas com ela. Na ciência e na escala cósmica, saber como ela se apresenta nos demais planetas, cometas e corpos celestes traz a dimensão que une o macro e o micro, da água no universo àquela que existe no próprio corpo.

Por fim, os artistas podem usar a emoção e impulsionar a aprendizagem sobre a água na agenda cultural – na música, na literatura, no cinema, no paisagismo, na arquitetura e no urbanismo e sua importância para a saúde e o bem-estar humano.

Para reduzir o consumo pode ser eficaz aumentar as contas para quem consome mais. Mas isso não necessariamente ajuda a formar a hidroconsciência daqueles mais abastados, para quem faz pouca diferença pagar uma conta normal ou o triplo dela. A hidroalfabetização precisa ir além da simples educação pelo bolso e buscar desalienar efetivamente os cidadãos em relação à água.

Capacitar municípios para que conduzam com responsabilidade hídrica o planejamento e a gestão de uso e ocupação do solo, bem como seus sistemas locais de saneamento; preparar os estados para que tenham capacidade de gestão ambiental e de recursos hídricos, e de colocar em prática planos de contingência para quando ela faltar; integrar as instituições federais articuladas em todos os âmbitos da federação; formar pessoas capazes de formular e cumprir leis hidroconscientes.

Essas são algumas das abordagens que podem compor um programa holístico e transdisciplinar. Aprender esse beabá é essencial na hidroalfabetização, que por sua vez é parte da hidroconsciência. Pode-se saber soletrar, ler palavras, escrever, mas não compreender o seu significado. É necessário desenvolver uma visão orgânica de como a água flui no ambiente, para além de visões sistêmicas parciais e setoriais; ampliar a consciência da água como parte de um sistema hídrico, que por sua vez é componente vital de um organismo vivo, seja ele o corpo humano, uma bacia hidrográfica ou o planeta Terra. A hidroconsciência pode contribuir para formar novas atitudes e posturas coletivas e individuais que sejam mais responsáveis para com a água.

***Maurício Andrés Ribeiro** é arquiteto e ecologista, foi presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil – MG. Professor dos cursos de Gestão Ambiental da Fumec-BH; de Gestão Ambiental Urbana da Universidade Católica de Brasília e da Formação Holística de Base – Cultura ambiental e cultura da paz, na Unipaz – RJ.



450 anos de calor

(O) Rio sofre com temperaturas extremas há exatos 450 anos – para fixar a data que o calendário do homem branco marcou como o início da existência da cidade. Neste verão, com a sensação térmica em torno de 50 graus, descobriu-se que falta ar-refrigerado nas escolas públicas do município. Mais de 60% delas não têm climatização adequada para que professores possam ensinar e alunos aprender.

Uma chamada na capa do Jornal O Globo e uma página inteira na seção de cidade revelaram ao distinto leitor a tortura física que se avizinhava com o reinício das aulas. Ao sentimento de piedade pelo sufoco por que passariam todos, acrescentou-se o tom de indignação pelo fato de que, em muitas destas escolas, os equipamentos foram adquiridos, mas não instalados.

Por que até hoje nunca foi providenciada a climatização adequada da rede escolar, ninguém respondeu. Pelo fato de neste verão as escolas continuarem sem refrigeração, aí sim, há um culpado: segundo a Secretaria Municipal de Educação, é do diretor de cada escola!

Diz a Prefeitura que cada uma delas recebe periodicamente recursos para resolver seus problemas – do corte de árvores a visitas dos alunos a museus, passando por coisas como aquisição de painéis e conserto de vazamentos de água, e até mesmo a compra e instalação de aparelhos de ar-refrigerado. Praticamente todos os gastos, à exceção dos salários e da merenda, são cobertos por essa mesada. Uma “escolha de Sofia” diária se impõe para os diretores que, na sua maioria, não contam sequer com um auxiliar administrativo habilitado para a tomada de preços.

A história da climatização das escolas é kafkiana. Os aparelhos não estão instalados, em muitos casos, pela falta de reforço da rede elétrica. A Light não faz sua parte porque, para isso, o prédio necessitaria de obras estruturais que excedem o valor da mesada das escolas. E, pior, muitas delas funcionam em prédios tombados com exigências draconianas para qualquer intervenção estrutural.

Basta olhar os levantamentos anuais do Tribunal de Contas do Município, que visita as escolas e realiza pesquisa com alunos, pais e professores, para

constatar que os problemas de infraestrutura do sistema educacional municipal são inúmeros. Desde 2009, a reclamação da falta de ventilação é das mais apontadas, assim como a superpopulação das salas de aula e a ausência de apoio de todo tipo às diretoras e aos professores – do administrativo ao pedagógico. E o número de prédios com infraestrutura precária aumenta a cada ano.

A solução desta questão não será jamais de cada escola, individualmente. Trata-se de estabelecer um programa em nível central, e não deixar a cargo de cada diretor de escola. Nestes 450 anos de aniversário da cidade, festejados todos os dias, bem que a Prefeitura poderia ter dado de presente a mais de 500 mil alunos e milhares de professores a garantia de que chamará a si a responsabilidade pela solução dos problemas da rede de ensino. Afinal, o lema agora é Pátria Educadora.



Andrea Gouvêa Vieira

Jornalista, ex-vereadora do Rio de Janeiro



Transformando lixo em arte

Projeto visa a criação de materiais a partir de objetos descartados



Com o objetivo de incentivar os alunos a reaproveitarem o lixo e, conseqüentemente, reduzirem os resíduos que causam danos ao meio ambiente, o Colégio Estadual Irmã Cecília Jardim, na região serrana, promoveu o projeto *Reciclar também é arte*, coordenado pela professora de Geografia Viviane Passos. A ação, destinada a estudantes da 1ª série do Ensino Médio, também oportunizou a conscientização sobre o consumo excessivo e a quantidade de lixo produzido.

A ideia de trabalhar arte com lixo surgiu a partir de conversas com os alunos sobre o consumo exagerado de produtos, equipamentos eletrônicos e bens não duráveis, os quais são fabricados para serem descartados cada vez mais rápido, e por isso são responsáveis pela produção de uma maior quantidade de lixo em menos tempo. Trata-se



Divididos em grupos, os jovens começaram a pesquisar materiais que, ao serem descartados, causariam danos ao meio ambiente, e descobriram maneiras de reutilizá-los

do que é conhecido como obsolescência planejada, quando um produto é lançado no mercado e se torna, de forma proposital, inutilizável em um período de tempo relativamente curto, ou seja, as empresas lançam mercadorias para que sejam rapidamente descartadas, estimulando o consumidor a comprar novamente.

Ao perceberem que muitos produtos jogados fora ainda poderiam ser utilizados, os alunos se propuseram a transformar o lixo em algo novo. Viviane passou a aplicar uma metodologia para atuar frente a essa situação e, assim, temas como recursos naturais, impactos ambientais, resíduos sólidos, sociedade e consumo passaram a fazer parte das aulas da turma 1.003. Divididos em grupos de 4 a 5 pessoas, os jovens começaram a pesquisar materiais que, ao serem descartados, causariam danos ao meio ambiente, como plásticos, metais, vidro, entre outros. A partir da análise, eles escolheram o que utilizar no trabalho.

De acordo com a educadora, no início não acreditavam que teriam um bom resultado, já que estavam trabalhando com lixo, mas, a partir das pesquisas de produtos já confeccionados com materiais reciclados, se sentiram desafiados e se empenharam ainda mais na realização da atividade. Os alunos produziram diversas peças, como cofre, pufe, bolsa, aquário, todos de garrafas *pet*, além de porta-objetos e amplificador de som com latinhas de refrigerante, cortina com jornal, lustre de revista, guirlanda de rolo de papel higiênico, boneco de neve de copos descartáveis, relógio de parede feito com tampa de lata de tinta, chaveiro com garfo, embalagens e flores diversas, entre outras coisas.

Para Viviane, "o objetivo principal foi despertar maior consciência quanto aos impactos ao meio ambiente e constatar que é possível produzirmos menos lixo. Despertar maior interesse na participação das aulas e melhorar o convívio





Os alunos produziram diversas peças, como flor de papel, porta-objetos, guirlanda de rolo de papel higiênico, entre outras coisas

dos alunos em sala, a partir da formação dos grupos (que eles tiveram liberdade para organizar), foi o que teve maior peso positivo no projeto”, afirma.

Segundo a coordenação da instituição de Petrópolis, o *Reciclar também é arte* foi um dos projetos que propiciaram maior envolvimento dos alunos com a escola. “Trabalhos grandiosos intelectualmente melhoram o rendimento e estimulam ainda mais estudantes e professores”, ratifica a professora de Geografia.

Lixo Extraordinário

Filmado ao longo de dois anos, entre agosto de 2007 e maio de 2009, o documentário “Lixo Extraordinário” acompanha a iniciativa do artista plástico Vik Muniz em um dos maiores aterros sanitários do mundo: o de Jardim Gramacho, na Baixada Fluminense. Lá, ele fotografa um grupo de catadores de materiais recicláveis, com o objetivo inicial de retratá-los. No entanto, o trabalho com essas personagens revela a dignidade e o desespero que enfrentam quando convidados a reimaginar suas vidas fora daquele ambiente.

Com o intuito de montar quadros gigantes de sucata, aproximar os catadores de lixo da arte e ver como isso poderia mudar suas vidas, Muniz vai estreitando seu relacionamento com os protagonistas e deixando o espectador fazer parte da realidade que bate na porta de cada um deles.

Dirigido por Lucy Walker e produzido por Almega Projects e O2 Filmes, a obra foi contemplada com mais de vinte prêmios, entre festivais e amostras, além de uma indicação à maior estatueta do cinema mundial, o Oscar.

Colaboração: Richard Günter

Colégio Estadual Irmã Cecília Jardim
Rua Machado Fagundes, 316 – Cascatinha
– Petrópolis/RJ
CEP: 25716-001
Tels.: (24) 2291-2883 / 2291-3299
E-mail: ceirmaceciliajardim@educacao.
rj.gov.br
Professora responsável: Viviane Passos
Fotos cedidas pela escola

Aprender a escrita, aprender com a escrita

Cecilia M. A. Goulart e Victoria Wilson (orgs.)

Summus Editorial – Tel.: (11) 3865-9890

Esta obra apresenta reflexões sobre a produção de textos em sala de aula, na perspectiva de um processo de ensino-aprendizagem complexo e contínuo. As autoras partem da produção de crianças, jovens e adultos em diferentes momentos do processo de escolarização.



A Turma do Pererê vai à escola – sugestões de atividades pedagógicas

Cristina Silveira

Livraria da Física – Tel.: (11) 3459-4323

Escrito por uma professora preocupada em ampliar horizontes e multiplicar saberes através da troca, o livro traz, mais do que sugestões de atividades, receitas testadas e aprovadas de aulas dinâmicas e animadas, coloridas por Ziraldo.



Brinco, logo aprendo – educação, videogames e moralidades pós-modernas

Gilson Schwartz

Paulus Editora – Tel.: (11) 3789-4000

O livro aponta que é urgente a reinvenção do professor como mentor, parceiro inspirador e experiente na apropriação dos novos recursos tecnológicos, em favor de práticas de aprendizagem mais criativas.



Educação de surdos

Regina Maria de Souza, Núria Silvestre e Valéria Amorim Arantes (orgs.)

Summus Editorial – Tel.: (11) 3865-9890

Quarto volume da coleção Pontos e Contrapontos, esta obra discute as consequências da inclusão da língua brasileira de sinais nos cursos de formação de professores. O tema provoca discussões: como manter o equilíbrio entre a língua oral e a de sinais? Podem a escola e a família impor ao surdo uma dessas linguagens?



Inclusão – muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio

Fátima Alves

Wak Editora – Tel.: (21) 3208-6095

Ao trazer a discussão para um enfoque multidisciplinar, a autora nos mostra que todos têm uma parcela de contribuição a oferecer. Escrito para pais e educadores, com uma linguagem clara e objetiva.



Rosa Formosa

Andrea Viviana Taubman – Ilustrações: Eliana Delarissa

Paulus Editora – Tel.: (11) 3789-4000

A obra é rica em ilustrações coloridas, feitas por Eliana Delarissa, que acredita que, num primeiro momento, são as imagens que mais atraem a atenção das crianças. Com linguagem leve e envolvente, a obra, segundo a autora, é ótima leitura para os pequenos.



Uma feira de ciências inusitada

Jéssica Almeida

Cobras, escorpiões, aranhas e macacos-prego. Esses foram alguns dos animais que os alunos do Colégio Estadual Zuleika Raposo Valladares, em Niterói, tiveram a oportunidade de conhecer de perto durante a Feira de Ciências promovida pela instituição. Em parceria com a empresa Pet Silvestre e o Instituto Vital Brazil, a iniciativa contou com a presença de profissionais da área ambiental, que ministraram palestras e realizaram debates com os estudantes sobre a preservação do meio ambiente.

Durante a feira, cujo tema foi “Educação Ambiental – Fauna Brasileira”, os alunos das turmas do Ensino Médio e do Ensino Fundamental II tiveram contato direto com animais silvestres e exóticos, como macaco-prego, arara-macau, jacaré-do-papo-amarelo e iguana. Em parceria com o Instituto Vital Brazil, eles puderam também conhecer animais peçonhentos vivos, como cobras, escorpiões e aranhas, além de maiores informações acerca de como conviver, evitar acidentes com estes bichos e primeiros socorros em caso de picadas. A diretora Fernanda Machado Fontes ressalta que o Instituto desenvolve esse trabalho gratuitamente em qualquer unidade escolar.

Além disso, como parte do projeto, os alunos dos ensinos Fundamental e Médio conheceram o Parque Natural Municipal de Marapendi, no Recreio dos Bandeirantes. A visita incluiu produção de relatos de experiência, contextualizados em sala de aula e concretizados na prática a partir do desenvolvimento da observação do meio como instrumento importante da conscientização ambiental.

Os alunos trabalharam no 3º bimestre diversos temas de Educação Ambiental, com foco na fauna brasileira, e foram responsáveis pela confecção de *banners*. O objetivo foi promover o encontro dos alunos com animais, a princípio, inacessíveis, oportunizando o despertar dos quatro sentidos humanos: tato, olfato, visão e audição, a partir de experiências diretas. Profissionais da área abordaram a temática da preservação da fauna, esclarecendo dúvidas e mitos culturais, e tocando em assuntos importantes



Estudantes, responsáveis e equipe pedagógica ficaram maravilhados com os animais que tiveram a oportunidade de conhecer de perto



Durante a feira, os estudantes tiveram contato direto com animais silvestres e exóticos, como macaco-prego, cobra, arara-macau, jacaré-de-papo-amarelo e iguana



como criação, preservação, posse responsável, curiosidades, história, legislação e bem-estar animal, relacionados com questões atuais.

De acordo com ela, os alunos ficaram inicialmente surpresos e, posteriormente, maravilhados com todo o projeto. "Além do sucesso da feira, nota-se que os estudantes ficaram efetivamente sensibilizados e poderão tornar-se agentes de mudança em nossa sociedade, divulgando o valor de nossa biodiversidade e contribuindo para sua preservação", explica.

A estudante Maria Eduarda Lima, da turma 601, relata

que adorou a iniciativa promovida pela escola. "Amei essa experiência porque eu nunca tinha visto bichos lindos como esses. Foi um dia maravilhoso!", lembra. Já Fernanda Leite Soares, mãe da aluna Ariel Soares de Oliveira, da turma 1.002, afirma que a filha chegou em casa encantada: "Para ela é excelente, já que apresenta certas limitações. Então, qualquer novidade é um estímulo. Em contato com os animais então, que ela ama... Só tenho a agradecer, por hoje, por todos os dias, por tudo!", elogia.

Curiosidades

Teiú

Nome Científico: *Tupinambis Merianae*

Hábitat: florestas, cerrados e caatingas

Peso: quase 5 kg

Tamanho: 1,40 m

Número de filhotes: de 30 a 36 ovos por vez

Tempo de vida: aproximadamente 16 anos

Você sabia que...

Ele é acusado de invadir galinheiros para roubar ovos?

Ele tem um corpo robusto e forte e é um bom nadador, além de ser capaz de subir em árvores?

Jandaia mineira

Nome Científico: *Aratinga auricapillus*

Tamanho: 31 cm

Peso: 130 g

Expectativa de vida: 30 anos

Hábitat: florestas e extremidades de florestas, clareiras e savanas com árvores

Você sabia que...

A Jandaia mineira, além de se alimentar com sementes, frutas e nozes pequenas, também come insetos e larvas?

Jiboia-constritora

Nome Científico: *Boa constrictor*

Hábitat: podemos encontrá-la nas Américas do Sul e Central, na Floresta Amazônica, nas florestas da Costa Rica, Mata Atlântica, cerrado, restingas, caatinga e nos mangues.

Hábitos: São noturnas ou crepusculares (ativas ao anoitecer e ao amanhecer)

Você sabia que...

A Jiboia é uma serpente que pode chegar a um tamanho de 2 a 4 metros na vida adulta?

Ararajuba

Nome Científico: *Aratinga Guarouba*

Hábitat: florestas tropicais úmidas

Hábitos: animais silenciosos, que se seguram pelo bico, pendurando-se nos galhos.

Causas da extinção: destruição do seu hábitat e caça

Você sabia que...

A Ararajuba pode viver até 30 anos?

Colégio Estadual Zuleika Raposo Valladares
Rua Salo Brand, s/nº – Ilha da Conceição
Niterói/RJ
CEP: 24050-070
Tels.: (21) 3601-2577 / 3601-2511
E-mail: cezuleikaraposovalladares@educacao.rj.gov.br
Fotos cedidas pela escola



Pequenos escritores, grandes obras

Instituição de ensino infantil realiza atividade que insere aluno no mundo da autoria

Preservando a teoria cognitiva de Jean Piaget, segundo a qual se deve propor às crianças condições para que elas descubram e concluam por si próprias, a Escola Pólen oportunizou aos alunos de 1 a 6 anos produzirem seu primeiro livro. Com papel, cola e grampo, o conteúdo variou de coloridos rabiscos, no caso dos mais novos, a desenhos e textos mais elaborados.

A ideia de criar os livros partiu de Vivien Santa Maria, diretora da Pólen, uma das mais tradicionais instituições piagetianas do Brasil. “Essa prática existe desde a criação da escola. O objetivo é principalmente desenvolver a organização de pensamento das crianças, sua criatividade e o gosto pela leitura”, explica. Não existe temática preestabelecida pelos educadores, cada um dos autores segue sua livre inspiração e escolhe o que deseja mostrar. A atividade realizada em sala de aula contou com a supervisão das coordenadoras Ana Maria Peixoto de Azevedo e Gloria Denise Campos. De acordo com elas, o projeto se reveste de grande importância, pois “Encoraja a criança a ter confiança na sua capacidade de construir sua própria ideia das coisas e exprimi-la com convicção, a ser independente e curiosa e preparada para, no futuro, tornar-se progressivamente autônoma”, ratifica.

O lançamento das obras acontece anualmente. A 34ª edição contou com a participação de todas as turmas da escola, incluindo os pequenos autores. Cada aluno desenvolveu um livro que foi apresentado na sua versão original,



Imagem disponível em: <<http://kinderjp.com/jean-piaget/>> Acesso em: 30/12/2014.



Os pequenos produziram seu primeiro livro, que variou de coloridos rabiscos, no caso dos mais novos, a desenhos e textos mais elaborados



com a família se encarregando da reprodução das obras. A atividade fez parte do programa pedagógico da escola, e a festa reuniu orgulhosos pais, mães e avós.

A educadora Marta Freitas ressaltou: “Nestes livros, através de seus desenhos, as crianças organizam suas ideias e expressam suas vivências. É importante que a família proporcione à criança, desde pequena, a oportunidade de ouvir histórias, manusear obras, imitar personagens, como se faz na escola. Ela vai aprender que, com os livros, os indivíduos crescem, ampliam seus conhecimentos e podem buscar melhores oportunidades futuras”.

Para os alunos da escola infantil, a experiência é única, pois eles se sentem livres para criar, além

de poderem divulgar aos seus familiares e amigos. A estudante Manuela Mattosinhos declara: “Gostei de fazer o livro porque era parecido com o diário que eu gosto muito. Eu escrevo todo dia umas histórias legais e adoro”. Já o discente Matheus Penna revela: “Achei legal fazer o livro pros meus pais lerem e porque eu nunca tinha inventado uma história na vida. Vou querer criar outras para aprender a fazer as letras”.

Os olhos dos pais brilharam ao verem seus filhos com um livro produzido, ainda tão jovens se tornando escritores. “Sempre gostei muito de leitura, e acho que é natural partilhar isso com meu filho. Aliás, é um prazer, tanto pelas histórias quanto pelo tempo junto dele. Fiquei muito feliz com a ideia da Pólen de incentivar a construção pelas crianças. Adorei receber o livro dele e ver que era tanto texto quanto ilustrações”, exaltou Thiago Censi, pai do aluno Guilherme.

A teoria cognitiva de Jean Piaget

A teoria de Piaget sobre o desenvolvimento cognitivo o classifica em quatro partes, comprovando que os seres humanos passam por diversas mudanças previsíveis e ordenadas, tese que sugere



Os olhos dos pais brilharam ao verem seus filhos, ainda tão jovens, com um livro produzido se tornando escritores



samento para agir (de 2 a 4 e de 4 a 7, consecutivamente). No terceiro, intitulado Operações Concretas, que vai de 7 a 11 anos, o indivíduo passa a trabalhar com conceitos, como número, substância, volume e peso. Desenvolve também noções de tempo, espaço, velocidade, ordem e causalidade. Organiza o mundo de maneira lógica e operatória. É capaz de estabelecer compromissos e compreende regras podendo ser fiel a elas. No último, o Operações Formais, as percepções da criança alcançam um patamar mais elevado de desenvolvimento, e elas se tornam aptas a executar o raciocínio lógico em todos os níveis de problemas.

Enfatiza-se, ainda, a definição de aprendizagem na concepção de Piaget. Ele divide o processo cognitivo inteligente em duas palavras: aprendizagem e desenvolvimento. A primeira faz ligação a uma resposta particular, compreendida em função da experiência, atingida de forma ordenada (sistemizada) ou não. Já o desenvolvimento seria uma aprendizagem real, responsável pela formação do conhecimento.

que os indivíduos vivenciam todos os estágios numa mesma sequência. O que os diferencia é o término de cada período, que pode variar por conta das diferenças individuais de natureza biológica ou do meio ambiente em que cada pessoa está inserida.

O estágio Sensorial-motor, que vai de 0 a 2 anos, tem como base assimilar o ambiente. Ao nascer, o bebê apresenta comportamento padronizado, como agarrar e sugar, podendo ser modificado conforme a interação vivenciada por ele. O seu conhecimento é interpessoal, ele é o mundo. O Pré-operações, segundo estágio, que vai de 2 a 7 anos, possui duas partes, o da inteligência simbólica, que deixa se levar pela aparência negando os fatos (fase dos porquês), e do intuitivo, no qual a criança já utiliza a inteligência e o pen-

Colaboração: Richard Günter



Escola Pólen
Estrada Coronel Pedro Correa, 915
Barra da Tijuca – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22775-090
Tels.: (21) 2441-2516 / 3021-0588
Site: www.escola-polen.com.br
Professora responsável: Vivien Santa Maria
Fotos cedidas pela escola

Novo site da Appai



WWW.APPAI.ORG.BR

Assistência Funeral 24h

0800 0234600

A APPAI disponibiliza o [benefício coletivo de Assistência Funeral 24h](#), através de um convênio com uma Seguradora que dispõe de profissional especializado na execução de procedimentos funerários necessários, evitando que a família, num momento difícil, tenha de se envolver com assuntos burocráticos e financeiros, sem qualquer custo.





Mais um pouco sobre sintaxe

Sandro Gomes*

Continuamos nessa edição nosso estudo sobre a sintaxe da Língua Portuguesa. Como você deve lembrar, no número anterior abordamos as grandes unidades em que os enunciados são formados: frase, oração e período. Agora avançamos para o estudo do papel desempenhado pelos diversos elementos no interior das frases, considerando a relação existente entre eles. Para começar, vamos refletir sobre as classes gramaticais, que são as várias categorias em que as palavras podem se enquadrar. Normalmente os estudiosos definem dez classes: artigo, substantivo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Veja algumas funções que as palavras agrupadas nessas classes podem desempenhar nas orações.

– Pronomes e substantivos podem atuar como sujeitos

Os mares predominam no planeta. (substantivo *mares* com função de sujeito)

Eles (os mares) estão por toda parte. (pronome *eles* com função de sujeito)

– Substantivos e pronomes podem desempenhar funções de objeto

Os pássaros amam a liberdade. (substantivo *liberdade* atuando como objeto direto)

A natureza os alimenta em abundância. (pronome *os* como objeto direto)

– Adjetivos podem atuar como predicativos e adjuntos adnominais

As meninas permaneceram sérias. (adjetivo *sérias* na função de predicativo do sujeito)

As meninas sérias mantiveram sua posição. (adjetivo *sérias* como adjunto adnominal)

– Artigos podem atuar como adjuntos

Os estudantes cumpriram sua missão. (artigo *os* com função de adjunto adnominal do sujeito)

A sorte ajuda o aluno estudioso. (artigo *o* com função de adjunto adnominal do objeto)

Vamos entender de outra forma a relação entre classes gramaticais e funções sintáticas. Acompanhe a oração:

O diretor adquiriu os materiais no comércio.

Diretor / materiais / comércio – pertencem à classe de substantivos.

Adquiriu – pertence à classe dos verbos.

O / os – pertencem à classe dos artigos.

No (em + o) – pertencem às classes preposição e artigo.

Agora acompanhe as funções sintáticas que tais palavras ocupam nessa oração:

O (adjunto adnominal do sujeito) *diretor* (sujeito) *adquiriu* (verbo) *os* (adjunto adnominal do objeto) *materiais* (objeto direto) *no comércio* (adjunto adverbial de lugar).

Os verbos

Os verbos são, por assim dizer, a espinha dorsal da oração, pois nos oferecem importantes informações sobre o enunciado, como o número e tipo do sujeito (se é singular, plural, composto, indeterminado etc.) e a estrutura de frase. Veja alguns modelos de orações.

O avião aterrissou. (sujeito + verbo intransitivo)

As meninas ficaram suadas. (sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito)

As jovens amaram o vestuário. (sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto)

As pessoas retornaram ao parque. (sujeito + verbo transitivo indireto + objeto indireto)

Eles têm necessidade de amparo. (sujeito + verbo transitivo direto + objeto direto + complemento nominal)

Os meninos entregaram as cartas ao professor. (sujeito + verbo bitransitivo + objeto direto + objeto indireto)

Amigos, essas foram algumas noções básicas para penetrarmos no vasto mundo da sintaxe. Na próxima edição vamos conhecer individualmente cada uma das funções que as palavras podem desempenhar em orações. Até a próxima, pessoal!

*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, Escritor e mestrando em Literatura Brasileira.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.



Planetário portátil

Estudantes criam atração itinerante que simula o universo sem a interferência dos problemas da cidade

O universo tem se mostrando cada dia mais misterioso. Constantemente a Nasa divulga nomes de batismo de um novo astro descoberto no espaço. O que mais impressiona é a dimensão que essas partículas apresentam. A maior estrela do Universo é a *VY Canis Majoris*, também conhecida como *VY Cma*, que fica a cinco mil anos-luz da Terra e possui um diâmetro de 2,9 bilhões de quilômetros. Tamanho quase duas mil vezes maior que o Sol, o que equivale a nove vezes a distância da Terra ao astro-rei, considerando que ainda podem haver corpos bem maiores, já que hoje se conhecem “apenas” setenta septilhões de estrelas no universo. Partindo da nossa habitual curiosidade, quanto a tudo que há além da Terra e sua origem, alunos de Física inauguraram, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj), um planetário itinerante inflável.

Composto de uma cúpula de 5 metros de diâmetro, que pesa 34 kg, o planetário cabe em uma mala, o que facilita que a equipe leve a atração facilmente a diversos lugares. O equipamento custou cinquenta mil reais, pagos através de uma “vaquinha eletrônica”, onde, através de uma conta virtual, houve a contribuição de oitocentas pessoas. A estreia aconteceu na Olimpíada Brasileira de Astronomia e

Astronáutica (OBA), em homenagem aos 70 anos do Centro Acadêmico de Física da Uerj.

Os coordenadores do projeto, Leandro Faria e Bruna Senra, fizeram uma apresentação interativa sobre galáxias, constelações, planetas e a principal atração: as nebulosas, conhecidas como o local de nascimento, o “berçário” das estrelas. Por meio de projeções no teto do domo inflável, o público conheceu, de maneira lúdica, as principais constelações que podem ser vistas no Brasil e ainda entender o posicionamento de cada uma delas no céu. Na exibição foi possível ver um firmamento limpo de uma grande cidade sem poluição luminosa e atmosférica, tudo perfeito. “É um programa que simula o céu real, sem os problemas dos centros urbanos”, ressaltou Bruna. A programação contou ainda com dois filmes. Um deles mostrou uma viagem pelo espaço e o outro, um passeio simulado em uma montanha-russa. As sessões duraram 30 minutos com cerca de 35 pessoas por apresentação.

O planetário já visitou 24 escolas, além de presídios, asilos e creches. “Nós atendemos a um público entre 1 ano e meio e 80 anos. É muito gratificante acabar a apresentação e ouvir as pessoas te dizerem que querem estudar astronomia. A gente usa o planetário como ferramenta para a educação. Não tem quem não se encante”, enalteceu a estudante.



O domo inflável foi construído a partir de uma “vaquinha virtual”, cuja aquisição contou com a contribuição de 800 pessoas. De fácil manuseio, o equipamento cabe dentro de uma mala média de viagem

O supervisor do projeto e professor da Uerj João Batista Garcia Canalle se dedica desde 1998 a organizar a muito bem-sucedida Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica, com números superlativos de participação entre alunos de escolas públicas e particulares. Ele também coordena a realização dos Encontros Regionais de Ensino de Astronomia (Erea), voltados para a capacitação itinerante de professores de ciências do sistema escolar. “Já foram realizados 45 desses encontros, capacitando mais de 4.500 professores”, conta, completando que o planetário será utilizado para divulgar a astronomia entre comunidades de todo o país. “Ajuda a despertar a curiosidade de alunos e professores sem limites de recursos. É um *show* de astronomia com imagem”, exaltou.

Thiago Espírito Santo, estudante de cursinho pré-vestibular, fez o passeio pela segunda vez. Neste ano prestou concurso para Física e sonha em ser um astronauta no futuro. Ela contou que busca inspiração no brasileiro Marcos Pontes: “Eu estou lendo os livros dele e vejo as dificuldades por que ele passou. É o que eu quero”, revelou. O professor de Física Pedro Zille, do Colégio Estadual Antônio Houaiss, disse que a iniciativa é muito interessante, já que a Astronomia é algo motivador, que inspira os estudantes a buscar novas descobertas inclusive em outras áreas como Biologia, Química e Física.

Planetário virtual

Os interessados em Astronomia e Ciências podem tirar suas dúvidas e aproveitar as atrações do planetário com a maior cúpula do Brasil a qualquer momento e sem sair de casa. A Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro apresenta o projeto *Era Virtual Museum*, no qual conta com uma visita *on-line* em 360 graus pelas áreas internas do local. Para fazer o passeio basta acessar o *site* www.planetariodorio.com.br.

Na visita é possível navegar por todos os espaços do planetário, caminhando entre os experimentos, como em um jogo de videogame 3D. Ao longo do percurso, mecanismos multimídia permitem que os internautas tenham acesso à linguagem lúdica com que as atrações são exibidas, sob o comando do Capitão Kirk, personagem que narra parte da viagem ao espaço. Os recursos possibilitam ainda que experiências oferecidas aos visitantes físicos do museu sejam idênticas às vivenciadas pelos internautas, como as simulações de Marte, Vênus, dos anéis de Saturno, formações gasosas, além da apresentação do *Big Bang*.

Colaboração: Richard Günter

Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Rua São Francisco Xavier, 524 – Bloco B
Sala 3.019 – Maracanã – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20550-900
Tel.: (21) 2334-0071
E-mail: if-uerj@uerj.br
Professor responsável: João Batista Garcia Canalle
Fotos cedidas pela instituição

O Planetário do Rio oferece em seu *site* um passeio virtual que se torna quase real, podendo ser visitados todos os andares internos, além de uma cúpula que simula uma viagem espacial





Alunos realizam passeio pedagógico a um quilombo e ampliam suas visões sobre a cultura negra

Sandra Martins

monitorias atingiu o ponto de ser preciso organizar listas de espera, tamanho o interesse despertado em ajudar na construção do projeto. “Ainda durante o processo, os monitores avaliam o desenvolvimento das tarefas e anotam as sugestões para a próxima edição, ou seja, estão se antecipando por livre-arbítrio”. Vanessa Romão ressaltou que já há maior consciência racial, já que o tema está sendo abordado ao longo do ano. Cláudia Lobão confirmou que era comum chamar atenção dos alunos, em especial na quadra de esportes, para as ofensas e piadas racistas que faziam entre eles: “Posso dizer que mudou muito a forma como se tratam. Estão se valorizando mais, se aceitando mais, se achando mais bonitos”. Segundo Bruno Guimarães Carvalho e Ivan de Oliveira, da coordenação executiva do evento, tanto alunos quanto professores se mostram vivamente motivados a discutir todas as etapas do processo, desde as tarefas individuais até as coletivas. Há uma maior preocupação de trazer os ensinamentos para o cotidiano, para as suas vidas, dividindo-os com seus familiares e amigos. “Todas as experiências, as sugestões e as vivências são merecedoras de muita reflexão, leituras e debates”, disse Bruno.

As sinalizações de que o caminho trilhado está correto vão desde os depoimentos de ex-alunos presentes no evento e nas redes sociais, até a visita de estudantes e professores de outra unidade escolar, o Centro Educacional Panisset da Silva, também daquele município. Thiago Alan, ex-aluno do Cefa, afirmou que “a negritude ganha uma porção de magia capaz de ultrapassar e contagiar muito além de uma escola. Sempre me dediquei com muita garra e afeto a esse emocionante evento. E o meu legado se faz e sempre se fará presente! Lembranças

Em seu terceiro ano de atividades, o Colégio Estadual Frederico Azevedo (Cefa), no município de São Gonçalo, está fazendo jus ao que determina a Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Brasileira, em seu artigo 26 A, alterado pela Lei 10.639/2003, que determinou a inclusão, no currículo oficial da Rede da Educação Básica, da temática da Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Mais do que uma semana de eventos envolvendo a contribuição do negro (pretos e pardos, conforme classificação do IBGE) na formação do Brasil, o desenvolvimento de uma pedagogia antirracista tem se dado na prática e com total apoio da comunidade escolar.

Prova disso foram os comentários feitos pelos professores sobre as transformações que vêm ocorrendo a partir da primeira edição da semana. Mayco Santos, coordenador da sala de jogos africanos, afirmou que a procura para as

que trago com muito carinho e saudade a 1ª semana da consciência negra da instituição, de novembro de 2012”.

Como de praxe, a programação foi bastante extensa e diversificada, envolvendo todos os alunos dos três turnos. Entre as novidades, Concurso de Beleza Negra, palestras temáticas – homofobia, intolerância religiosa, entre outras –, apresentação do espetáculo “Jogo da Velha”, exposição sobre “O negro e a estética” e o seminário do “Estágio de Vivência em Sobara”. Mas também aconteceram oficinas (percussão, bijuteria, máscaras, pano, palavra, carranca, tererê, dobradura, maquiagem, *origami*, ritmos africanos, capoeira), mostra de fotografia, painéis e maquetes, Cinemático, chá literário, *Ubuntu*, baile de charme, exposição de maquetes e murais, estandes com degustação e ervas (fitoterapia) usadas para prevenção e tratamento de doenças.

O seminário foi um capítulo à parte, sendo o resultado de um passeio pedagógico a um quilombo localizado no distrito de São Vicente, em Araruama. “O Estágio de Vivência enriqueceu não só o trabalho, mas também ampliou nossa visão sobre as culturas negras, sobre a realidade de um quilombo”, enfatizou Cristina Valério, diretora-geral da instituição. Após definição dos 35 componentes – entre professores e alunos –, o grupo participou de três oficinas que trataram da Lei 10.639/2003, aspectos da questão quilombola no Brasil e como vem se dando sua relação com o Estado brasileiro.

O primeiro ponto em debate foi a atualização da conceitualização do verbete “quilombo”, não mais um local isolado, formado por escravos negros fugidos, tendo como exemplo maior o dos Palmares de Ganga Zumba, Aqualtune e Dandara – as duas últimas, respectivamente, mãe e esposa de Zumbi. Essa noção remete a um passado remoto de nossa História e ligado exclusivamente ao período escravocrata brasileiro. Segundo Bruno, se está falando em identidade étnica, de um processo de autoidentificação bastante dinâmico, e que não se reduz a elementos materiais ou traços biológicos distintivos, como cor da pele, por exemplo. “O que caracterizava o quilombo, portanto, não era o isolamento e a fuga, mas a resistência e a autonomia; e, sim, o movimento de transição da condição de escravo para a de camponês livre. Atualmente, a legislação brasileira já adota este conceito de comunidade quilombola e reconhece que a determinação dessa condição advém da ideia de autoidentificação”.

Os alunos Mariana Beatriz e Bruno Alexandre, que visitaram o Quilombo Sobara, ao comentarem momentos vividos junto aos quilombolas, demonstravam o quanto a

Durante o evento aconteceram também oficinas de bijuteria, percussão, máscaras, tererê, maquiagem, *origami*, capoeira, entre outras





A programação foi bastante extensa e diversificada. Para mexer com a autoestima, nada melhor do que um concurso de beleza negra

situação deles foi impactante. A região não dispõe de serviços públicos, como água encanada e saneamento básico, e o transporte é precário (um ônibus vai de manhã e retorna à tarde). A escola – somente primeiro segmento do Ensino Fundamental – e o posto de saúde ficam a 20 quilômetros da localidade. Apesar de todas as dificuldades referentes à falta de políticas públicas, o grupo percebeu e entendeu que eles têm uma forma muito bonita de viver e de se relacionar. Bruno Alexandre disse que aprendeu a valorizar mais ainda o que tem e o que conquistou: “Os meus sonhos são diferentes dos daqueles meninos da minha idade, que têm um universo limitado às roças de cana-de-açúcar para fazer etanol. Isso não está certo”.

Mariana, ao comentar sobre a visita que fizeram ao quilombo, disse que era fundamental que refletíssemos sobre os lixões, em geral construídos em áreas rurais e não urbanizadas, cuja população, em sua maioria, é negra, pobre e tradicionalmente ligada ao trato da terra. Entretanto, com a transformação do meio ambiente, a degradação se torna a única fonte de renda. “Não se faz lixão em Cambinhas ou na Barra da Tijuca, mas em Gramacho sim, afirma Mariana, aproveitando para lembrar as pessoas,

muito esquecidas, de que “estão descartando o lixão junto com as pessoas, como em breve farão com aquela área do Quilombo Sobara, que sofre com os resíduos de etanol de uma grande empresa da região”.

Valorização da própria cultura foi a aposta feita por Robson Neves ao desenvolver sua oficina de percussão com meninos e meninas. Ele trabalha na escola e vê a alegria da garotada ao se entregar de corpo e alma na atividade em que todos aprenderam a lidar com os variados instrumentos. “Este evento fez com que os meninos repensassem sua conduta para consigo mesmos e com os outros. Mexeu com a autoestima deles, estão mais unidos, se respeitando mais, e a música ajuda a despertar o sentimento de pertença, de parceria, de coletividade, pois uma banda não é feita por uma só pessoa e um só instrumento, precisa de um grupo trabalhando junto”.

Para mexer com a autoestima, nada melhor do que um concurso de beleza negra. A professora Flávia Joss afirma ter havido algumas críticas ao fato de a aluna Grayce Kelly do Amparo Cardoso, de pele clara, ter se candidatado, conquistando o terceiro lugar. “As críticas foram muito importantes, pois pudemos abordar a questão do preconceito,

Este evento fez com que os meninos repensassem sua conduta para consigo mesmos e com os outros

A dramaturgia foi outro ponto de grande atração. O professor de Artes e ator da Companhia Ávida, Ivan de Oliveira, encenou um premiado esquete infantojuvenil: "A peça 'Jogo da Velha' é ousada pelo tema tratado, que não deixa de ser um tabu: a morte. É um conto popular africano, em que o visual, o figurino impacta". São três personagens no esquete, um ser monstruoso e enraizado representando a morte e dois nativos africanos.

A autogestão dos alunos foi um dos pontos abordados por Mayara Nespoli, professora de Inglês e pertencente à coordenação executiva do evento. Animada com o engajamento da comunidade escolar nos três turnos, ela ressaltou que o projeto mobiliza as pessoas, a escola como um todo. "Os alunos não ficam esperando que a solução venha do coordenador. Atentos e acostumados ao dinamismo, os jovens debatem e buscam as possíveis soluções", afirma.

A tática de fato deu certo. Os visitantes tinham ao seu dispor um aluno que apresentava a divulgação e os levava às salas onde aconteciam as oficinas. A equipe do registro fotográfico e de audiovisual estava atenta, tanto na captura quanto no arquivamento de imagens, e discutindo o tratamento que seria dado a elas.

Para Bruno, mais que um projeto pedagógico, a Semana da Consciência Negra do Cefa é um posicionamento: um momento de celebrar as belezas artísticas e saberes da cultura negra. "E por que ela dá tão certo? Porque vem da raiz que nos fixa no mundo enquanto negros e que nos alimenta com a mesma seiva que manteve de pé milhares de ancestrais sobreviventes de condições subumanas. Por ser tão visceral, nosso projeto vira espelho de tudo aquilo conquistado pelo nosso povo", e conclui sua reflexão parafraseando o compositor João Nogueira: "O meu medo maior é o espelho se quebrar".

A dramaturgia foi outro ponto de grande atração. A peça "Jogo da Velha", encenada pelo professor de Artes, é um conto popular africano

falar dos traços fenotípicos que envolvem a textura dos cabelos, traços fisionômicos, a maior ou menor concentração de melanina. Aí foram percebendo que mesmo a pessoa tendo a pele clara havia fatores estéticos que evidenciavam os traços afro. Trabalhamos estas questões em variadas disciplinas, como Biologia, História, Inglês, Português, Matemática, Sociologia". Os primeiros lugares foram para Nathalia Peixe e Edson Guevara, além de Vitória Guimarães, vencedora da categoria infantojuvenil. O segundo lugar ficou com Jamilly Alves que, representando o Cefa, foi premiada no Concurso da Estudante Mais Bela de São Gonçalo. Dos meninos, Leonardo Santos e Vítor Hugo conquistaram o segundo e terceiro lugares, respectivamente.

Para Flávia, o reconhecimento da beleza da identidade negra é muito importante para o jovem, já que a estética de traços africanos é tão desvalorizada pelos produtos culturais, como a televisão e as revistas, que em geral não mostram a rica diversidade do brasileiro. Este foi o objetivo para a realização do concurso, que, por sinal, agradou a todos.

Colégio Estadual Frederico Azevedo (Cefa)
Rua Melo Freire, 50 - Itaúna
São Gonçalo/RJ
CEP: 24474-090
Tel.: (21) 3119-5792
E-mail: cefaconexao@gmail.com
Diretora-geral: Cristina Vilas Boas
Fotos: Sandra Martins

Nossas raízes

A culminância do projeto contou com a exposição dos trabalhos confeccionados pelos alunos e apresentação de danças, roda de capoeira, entre outras atividades

Jéssica Almeida

Projeto discute as contribuições da cultura africana para o país

A influência africana na cultura brasileira é sempre ressaltada como uma das mais sólidas referências da nossa formação. Com essa justificativa o corpo docente do Ciep 031 Lírio do Laguna, em Duque de Caxias, desenvolveu o projeto *Africanidade*, a fim de propiciar aos educandos o conhecimento do papel dos afrodescendentes na formação cultural da sociedade. A atividade tem o objetivo de despertar a solidariedade e como valor essencial nas relações humanas, o respeito pelas diversidades culturais, a valorização do patrimônio e da pluralidade cultural e a defesa da paz como meio de resolução dos conflitos.

Para execução do projeto foram desenvolvidas atividades com turmas dos ensinos Fundamental e Médio. A diretora adjunta Rita de Cássia Batista ressalta que todas as disciplinas foram envolvidas na feira integrada, produzindo-se diversos trabalhos de acordo com o tema, sendo realizadas tarefas de várias naturezas, como artesanato (confeção de máscaras e telhas pintadas), oficina de colares e pulseiras, contos africanos (contação de história), apresentação de danças (Maculelê e Samba), roda de capoeira, entre outras.

Após a realização dessas atividades chegou-se à culminância do projeto, que contou com a exposição dos trabalhos confeccionados pelos alunos e apresentação de danças, roda de capoeira, grupo de percussão, oficinas etc. Além disso, foram convidadas duas escolas do município para se apresentarem, o Ciep 199 Charles Chaplin e o Colégio Estadual Guadalajara. "A participação desses colégios, com seus belíssimos números, encantou a todos. São realmente iniciativas muito bonitas que as escolas têm realizado com seus alunos, mas acredito que a integração, além de valorizar a contribuição do outro, acrescenta muito também a nós. Já conhecia o trabalho do C. E. Guadalajara com instrumentos de percussão e *reggae*, enquanto o Ciep 199 já tinha visto numa reunião de núcleo da Gide. Os meus alunos ficaram encantados!", conclui Rita.



Ciep 031 Lírio do Laguna
Rua Tenente José Nilson da Silva, s/nº
Laguna e Dourados – Duque de Caxias/RJ
CEP: 25011-380
Tel.: (21) 2771-1947
E-mail: ciep31lirio@pop.com.br
Fotos cedidas pela escola



Agenda do Professor

Benefício Educação Continuada

Inscrições: <http://www.appai.org.br/temas-educacao-continuada.aspx>

Maio

As Regras Gramaticais: como Não Atropelar o Português

Data: 14/05/2015

Horário: 8h30 às 12h30 - quinta-feira

Objetivo: mostrar, de forma simples, prática e diferenciada, que é possível redigir ou falar bem nosso idioma sem atropelar as regras gramaticais da Língua Portuguesa.

Neurociências e Práticas Educacionais -

Neuroeducação: uma Incógnita?

Data: 27/05/2015

Horário: 8h30 às 12h30 - quarta-feira

Objetivo: apresentar aos profissionais de Educação as possibilidades na correção das dificuldades escolares de aprendizagem utilizando a metodologia da Neuroeducação.

Transtornos do Humor na Infância e Adolescência

Data: 16/05/2015

Horário: 8h30 às 12h30 - sábado

Objetivo: identificar sinais precoces da depressão e do transtorno do humor bipolar e suas implicações na aprendizagem escolar.

Mediação de Conflito Escolar

Data: 28/05/2015

Horário: 13 às 17h - quinta-feira

Objetivo: discutir a possível origem da violência escolar e do conflito escolar como se apresentam hoje e propor alternativas de análise e intervenção na realidade escolar.

Estratégias de Ensino de Escrita para Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Data: 21/05/2015

Horário: 8h30 às 12h30 - quinta-feira

Objetivo: proporcionar uma visão reflexiva e prática sobre o ensino de escrita para Educação de Jovens e Adultos (EJA).



Educação Continuada
ciclo de formação permanente



Poesias Bilíngues

Educadora cria projeto de poesias que auxilia na hora de aprender inglês

Jéssica Almeida



Criar poesias com rimas em português e inglês. Esse é o principal objetivo do projeto criado pela professora de Língua Inglesa Daniele Costa, desenvolvido no Ginásio Carioca Anísio Teixeira, no Jardim Guanabara. As poesias bilíngues são de temas livres, escolhidos pelos próprios alunos, feitas nas aulas de inglês com a ajuda de *sites* específicos, dos alunos monitores de inglês e da professora em sala de aula.

A docente conta que todo ano realiza uma atividade de leitura bilíngue com suas turmas e um trabalho envolvendo este tipo de texto. “A partir da sugestão da professora Ana Lucia Miranda, da sala de leitura, escolhi o livro ‘Sem Cabeça Nem Pé’, de Edward Lear, com poesias bilíngues. Achei interessante, pois elas mantinham o mesmo tema e rimavam tanto em português como em inglês, o que é bem difícil fazer, mas divertido. Aproveitei a ideia para envolver os alunos para que eles pudessem aprender um pouco mais dos dois idiomas se divertindo”, relata.

De acordo com Daniele, ao longo dos anos lecionando, ela pôde notar o quanto é importante que os estudantes percebam a diferença entre as línguas, mas também suas semelhanças. Por isso, a docente resolveu colocar em prática o projeto com os alunos do 8º ano. Eles teriam que adaptar suas poesias em português para a língua inglesa, seguindo apenas o mesmo tema. “Como alguns querem ser muito práticos e costumam achar que uma palavra tem somente um significado, pude mostrar, com o trabalho, que tradução não é bem assim, o que facilitou o andamento da disciplina com essas turmas no ano seguinte, em que esse tipo de atividade seria mais bem explorado”, afirma.

A educadora ressalta ainda que é importante que os alunos consigam associar a língua com seus interesses pessoais para que se criem vínculos com a aprendizagem. “Quando aprendi inglês, adorava música, então tentava reter o máximo dessa forma. Com eles, busco entender seus interesses para que eu possa buscar novos trabalhos e métodos para atrair os estudantes para a minha disciplina e para que eles percebam a sua importância no contexto atual. Além disso, é preciso que tenham em mente que podem aprender a língua de forma prática e divertida com as novas tecnologias”, explica.

Em 2014, Daniele decidiu fazer um trabalho interdisciplinar com os professores de Português e de Espanhol das turmas de 7º ano. Sem a intenção de rimas nas línguas estrangeiras, focando somente na passagem para essas línguas das poesias que eles fizeram com o tema proposto em sala de aula. Os estudantes tiraram suas dúvidas sobre as estruturas da poesia e começaram a desenvolver suas próprias criações nas aulas de português. Em outras classes, essa poesia foi

digitada e passada para o inglês com a ajuda de dicionários *on-line*, de *sites* específicos como o *Google* tradutor, além da colaboração de alunos monitores da disciplina e da professora.

Após a digitação das poesias bilíngues, os estudantes escolheram gravuras seguindo o tema de seus textos. Foi pedido que eles procurassem imagens “para colorir”. Após a escolha, o livro foi formatado e preparado pela professora, as poesias de cada um foram impressas e levadas para que pudessem dar cor às imagens selecionadas. Os que foram terminando pegaram revistas na sala de leitura e procuraram imagens que, recortadas e montadas pela professora, serviram de ilustrações para as capas dos livros.

Para culminar o projeto, foi realizado um chá literário na escola, onde os alunos fizeram a leitura de suas poesias em português e em inglês, e mostraram o livro da turma para toda a comunidade escolar e convidados. “Foi uma tarde maravilhosa, vendo os estudantes mostrarem o que fizemos em sala e comemorando seus trabalhos. Foi criada também uma propaganda para informar que as obras estariam disponíveis na biblioteca do colégio para quem quisesse ler todas as poesias”, elogia Daniele.

A aluna Lorrani Netto afirma que achou o trabalho muito interessante e produtivo. “Foi uma forma diferente de aprender inglês. Conheci novas palavras nessa língua de uma forma divertida. Gostei de ter apresentado meu trabalho, pois pude mostrar o que aprendi em sala e como minha pronúncia havia melhorado. Foi uma das melhores atividades de que participei!”, relata. Já a estudante Suziane Novaes garante que o desenvolvimento das poesias foi ótimo. “Podíamos nos divertir ao mesmo tempo em que aprendíamos”, explica.

Segundo Daniele, foi um trabalho demorado, mas com resultados muito positivos para ela e para os alunos. “Além de termos os livros como resultado sólido, os jovens deram um *show* na leitura de suas poesias no chá literário do colégio. Eles ficaram animados para apresentar seus trabalhos, pois falavam sobre os temas que escolheram. Isso foi ótimo para dar continuidade à matéria, pois eles estavam mais dispostos, já que foi gerada uma aproximação dos alunos com a língua. Além disso, o trabalho promoveu uma relação melhor entre as turmas, visto que todos se ajudaram no decorrer da atividade, tanto na digitação, quanto na parte de colorir ou na passagem para o inglês”, conta.

Devido aos resultados obtidos, a docente pretende dar continuidade ao projeto. “Em 2014, propus a ideia de um livro de poesias políglotas para os professores de Português e de Espanhol do 7º ano. Dependendo da disponibilidade de outros docentes, quero levar adiante esse trabalho e quem sabe, em 2015, concluir essa obra”, finaliza.



O livro confeccionado pela educadora e alunos reuniu poesias bilíngues produzidas ao longo do projeto



Ginásio Carioca Anísio Teixeira
Rua Serenata, 40 – Jardim Guanabara
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21941-180
Tels: (21) 3393-8066 / 3975-5762
E-mail: emanisio@rioeduca.net
Fotos cedidas pela escola



Dançando e cantando na escola

Projeto de Educação Física e Inglês estimula a interatividade entre educandos

Jéssica Almeida

Contribuir para a autonomia, criatividade, cooperação e organização dos alunos, incentivando-os a serem proativos e extrovertidos para uma melhor comunicação verbal e corporal. Esse é o objetivo do projeto idealizado pelo professor de Educação Física Mauricio Vianna, desenvolvido com os alunos do Ensino Fundamental na Escola Municipal Dalva de Oliveira, em Realengo.

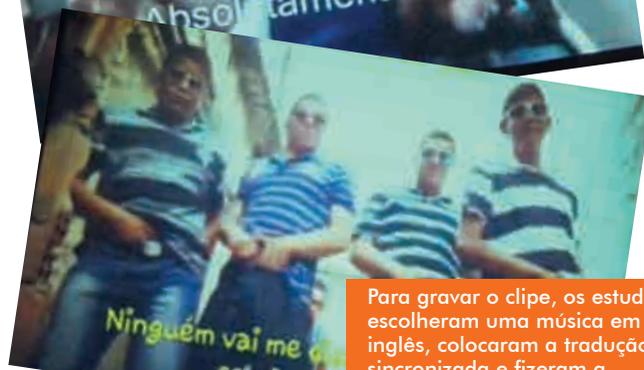
O educador conta que a ideia surgiu ao observar que professores de Educação Física ministrando uma aula de dança e meninos sem vergonha de dançar é algo um pouco incomum. “Percebendo esse quadro, resolvi utilizar na escola um projeto onde os alunos pudessem criar sua própria dança e registrar em um equipamento de filmagem para posteriormente desenvolver um videoclipe. Esse trabalho possibilitaria atenuar um pouco o problema da inibição e utilizar a expressão corporal de forma mais espontânea”, argumenta Mauricio.

Após uma conversa sobre a ideia do projeto, a docente de Inglês Josette Martins se interessou em participar, já que isso poderia ajudar na prática do idioma que leciona. Além dela, a atividade contou com a colaboração de Cláudia Bahouth, também professora de Educação Física.

A estudante Jullyana Andrade, da turma 1.902, conta que no início não gostou muito da ideia, pois estava com vergonha. “Com o andamento do projeto fui perdendo a timidez.

No dia em que gravamos o clipe foi muito legal, pois nos divertimos e vencemos a inibição. O que importa não é o primeiro lugar e sim a alegria que tivemos. Foi uma experiência muito legal que vou levar para a vida toda!”, garante.

O projeto interdisciplinar foi montado atendendo aos objetivos das duas matérias e apresentado aos alunos no auditório da escola. Em Educação Física, a meta era aprimorar a expressão corporal e a dança. Já em inglês, conhecer melhor



Para gravar o clipe, os estudantes escolheram uma música em inglês, colocaram a tradução sincronizada e fizeram a dublagem da canção



o vocabulário do idioma e o seu significado, compreendendo e interpretando as falas e o texto da música.

A aluna Caroline Fernandes, da turma 1.901, declara que adorou a experiência de unir as duas disciplinas. “Antes eu não apreciava muito fazer exercícios, mas depois do vídeo passei a gostar. Foi bom porque, além de praticar as tarefas propostas na aula de Educação Física, aprendi a gostar de Inglês. Perdi um pouco da vergonha que tinha. Achei extremamente divertida essa ideia de misturar as aulas. Creio que esse trabalho me uniu muito mais aos meus colegas e foi importante por ter sido uma coisa totalmente diferente do que fazemos no dia a dia na sala de aula”, argumenta.

De acordo com Maurício, para iniciar a apresentação foi exibido um videoclipe da música *Pump it* do grupo *The Black Eyed Peas*. No final os professores levantaram questões sobre criação, edição, dança, figurino, cenário e expressão corporal dos artistas do vídeo. “Os alunos puderam perceber que diversos cenários são usados na criação de um trabalho como esse. Que existe uma preocupação com a escolha de um figurino adequado, com a importância da expressão corporal e verbal para o entendimento da mensagem que o clipe procura passar e que a dança está associada diretamente com o ritmo musical”, relata.

Os estudantes foram informados que existiam itens obrigatórios a serem seguidos para a construção do videoclipe, e o primeiro era escolher uma música em inglês, depois colocar a tradução sincronizada na música, fazer a dublagem da canção e o grupo inteiro dançar em algum momento do clipe. Seguidos esses requisitos a apresentação participaria da mostra do trabalho a ser realizada no auditório para todo o corpo discente e docente da escola. Os grupos teriam trinta dias para se organizar em pesquisa, planejamento, ensaio, gravação, edição e entrega do trabalho.

Ao final do prazo de entrega foram recebidos seis videoclipes e os professores organizadores marcaram a data de apresentação do projeto. Os clipes foram mostrados a todos os alunos e professores dos turnos da manhã e da tarde. Ao final, cada docente votou no seu favorito seguindo a observação de alguns quesitos: criatividade, figurino adequado ao clipe, cenário adequado ao clipe, expressão corporal e dança.

Maurício relata que, terminada a apresentação dos trabalhos de alunos, foi realizada uma grande surpresa: um clipe de professores e funcionários. Eles apareciam dançando e fazendo gestos engraçados ao som da música *Happy*, de Pharrell Williams. “Essa surpresa causou delírio nos alunos já que não estavam acostumados a ver as pessoas da escola nessa situação descontraída”, conta.

Os votos foram apurados e se chegou aos clipes mais votados. Os professores marcaram para a semana seguinte a premiação do projeto para os três primeiros lugares. Os componentes dos grupos que ficaram em terceiro e segundo lugares receberam uma caixa de bombom cada, e cada integrante da equipe campeã, um fone de ouvido.

Os discentes Isabelly Caroline, Rhayanne Sunshine Pimenta e Pablo Miguel, todos da turma 1.802, relatam que ficar em 1º lugar não foi fácil. “O nosso videoclipe foi um pouco complicado de fazer, pois gravamos em um *shopping*, onde não se podia fazer muita coisa, mas, mesmo assim, nos arriscamos e conseguimos terminar. Ficamos umas 9 horas dentro daquele lugar só gravando e nos divertindo um pouco. Esse esforço todo valeu muito a pena pois vencemos e todos amaram”, garantem.

O educador explica que o projeto foi usado como principal avaliação do quarto bimestre para as disciplinas de Educação Física e Inglês, e que as notas foram muito boas graças ao nível apresentado. “No fim, ficou a sensação de que no próximo ano esse projeto fará parte da cultura da escola com mais grupos participando e uma disputa mais acirrada quanto à qualidade da produção dos trabalhos”, conclui.

Escola Municipal Dalva de Oliveira
Estrada Manoel Nogueira de Sá, s/nº – Jardim Novo – Realengo – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21745-290
Tels.: (21) 3423-7807 / 3423-7806
E-mail: emdoliveira@rioeduca.net
Professor responsável: Maurício Vianna
Fotos cedidas pela escola

Nova Prática Pedagógica

impulsiona alunos a alcançarem **novas metas acadêmicas**

Tony Carvalho

Aprender não é somente acumular conteúdos, mas também construir sujeitos pluridimensionais, agentes da história. Os professores das turmas de Educação de Jovens e Adultos (Nova EJA) do Colégio Estadual Marechal Zenóbio da Costa, em Nilópolis, estão desenvolvendo práticas pedagógicas capazes de mobilizar aprendizagens significativas que, acima de tudo, podem se traduzir em engajamento efetivo de cada aluno na busca de uma sociedade mais

justa. Ao final de cada um dos quatro módulos do curso os estudantes apresentam um projeto interdisciplinar a partir de um tema proposto pela equipe de professores. As turmas do terceiro módulo se mobilizaram para abordar o tema "Direitos e Deveres Humanos: a construção de uma sociedade".

Os estudantes abordaram os direitos e deveres com foco na criança, na família e no idoso. Cada turma preparou cartazes e painéis destacando o que eles pesquisaram e as conclusões a que chegaram. "A sociedade, em geral, não conhece seus direitos e deveres básicos. Decidimos abordar três pilares da sociedade, que são criança, família e idoso. No quesito família, os alunos puderam falar sobre as mudanças sociais e legislativas, com a inclusão das uniões homoafetivas, um cenário que precisa ser aceito e respeitado. A escola tem um papel fundamental nesse processo, oferecendo toda uma gama de conhecimentos que eles levam para sua vida", afirma a professora de Geografia Lourdes Correia.

Para a agente de acompanhamento de gestão escolar Alessandra Santos, a apresentação dos trabalhos realizada pelos estudantes é um momento de conquista de todo o grupo. "Os projetos ajudam na construção da cidadania, na formação de seres autônomos e, por se tratarem de atividades interdisciplinares, acrescentam na parte de conteúdo do aluno. Além do aspecto pedagógico, os projetos também auxiliam na frequência, pois diminuem a evasão escolar, fator muito importante, já que no turno da noite há o problema do cansaço com as atividades do dia", avalia.



Ao final de cada um dos quatro módulos do curso os estudantes apresentam um projeto interdisciplinar a partir de um tema proposto pela equipe de professores

Segundo a aluna Catia Luzia, as pesquisas que realizou para o projeto lhe permitiram enxergar aspectos que passavam despercebidos. "Quando não paramos para refletir sobre determinados assuntos, não vemos que poderíamos dar a nossa contribuição. Às vezes, a solução está diante dos nossos olhos e não somos capazes de ver. Portanto, projetos como esse nos fazem amadurecer e ficar mais reflexivos", admite. Seu colega de turma Atila Santos concorda: "Para montarmos gráficos traçando uma relação entre crianças abandonadas e as adotadas tivemos de pesquisar bastante e compreender o problema a fundo. Nunca havia parado para pensar sobre isso", confessa. Os professores de Matemática Alex Perlúcio e Arildo dos Santos contribuíram nesse trabalho de coleta de dados estatísticos. "É gratificante ver o envolvimento e a participação desses alunos. Testemunhamos a cada dia o crescimento e a expansão de sua autonomia", declaram.

Professor de Sociologia e Filosofia, Marcelo Carlos ressalta que os alunos já vinham trabalhando o tema em sala de aula, mas confirma que o projeto veio coroar e oportunizar que se apresentassem à comunidade escolar. "Eles concluem essa etapa do aprendizado cientes de que muitos de nós sabemos dos nossos direitos, mas que também existem as obrigações com a sociedade. É uma via de mão dupla, pois só assim construiremos um mundo melhor para todos", ensina. O professor de Língua Portuguesa Fábio José de Melo também teve uma participação fundamental em todas as etapas do trabalho. "À

medida que o projeto vai transcorrendo, o grupo vai amadurecendo. Cada um já traz uma experiência de vida e consegue assimilar o discurso com as ações práticas. Eles mesmos oferecem vários exemplos do cotidiano que ajudam a ilustrar o que está sendo abordado".

Com a conclusão da primeira turma da nova EJA, a diretora adjunta Márcia Brahim afirma ser um momento de muito orgulho para a comunidade escolar. "Sem dúvida, uma conquista tanto para os professores quanto para os alunos que se tornam protagonistas da própria história". A professora Lourdes faz uma avaliação da nova EJA: "Esse novo formato de educação contempla aqueles que, por vários motivos, não puderam frequentar a escola no tempo certo. Trabalhamos com pessoas que tinham autoestima baixa e viviam sem perspectiva. E agora, que estamos formando a primeira turma e vemos o brilho no olhar de cada um deles, ficamos imensamente satisfeitos". O diretor-geral da escola, professor Anderson Roberto Silva, também comenta os resultados alcançados com a volta desses alunos à escola. "São pessoas que trabalham durante o dia e à noite, mesmo cansados, vêm em busca de novos conhecimentos. Ao concluírem o 4º módulo estarão mais confiantes para seguir adiante no mercado de trabalho ou ingressar em uma universidade. Muitos já são pais e outros até avós, mas todos bastante otimistas com o que a vida ainda pode lhes proporcionar", afirma.

O aluno Fordney Antonio Barillo é prova de que a fórmula vem dando certo. Aos 64 anos, concluiu o 4º módulo e garante que vai cursar a faculdade de Psicologia. "A nova EJA foi uma criação que só merece elogios. Contamos com uma gama de professores criativos, empolgados, que se doam. É estimulante vê-los nos apoiando e pensando no nosso futuro. Eles fazem com que nos sintamos encorajados a enfrentar as dificuldades e a alcançar as nossas metas", declara. Já outra estudante, Ana Paula Buarque, também está concluindo o curso e diz que sua retomada dos estudos se deve, em grande parte, ao novo método aplicado. "A forma como as aulas são dadas e o desenvolvimento de projetos me deu nova perspectiva de vida. Agora quero cursar Direito e ser doutora. Quero que essa nossa conquista vire um símbolo para as novas turmas que estão por vir".



Cada turma preparou cartazes e painéis destacando o que eles pesquisaram e as conclusões a que chegaram

Colégio Estadual Marechal Zenóbio da Costa
Rua João Rodrigues da Cunha, 195 - Olinda
- Nilópolis/RJ
CEP: 26510-056
Tel.: (21) 2693-3143
E-mail: cemzc@ig.com.br
Direção-geral: Anderson Roberto Silva
Fotos: Tony Carvalho



Descobrimos novos talentos

Jéssica Almeida

Como o próprio nome sugere, o *show de talentos* teve como objetivo descobrir e valorizar os dons e a cultura dos alunos do Ciep Brizolão 476 Elias Lazaroni, em Duque de Caxias. Foram mostrados todos os tipos de arte, com intuito de resgatar a autoestima e o amor à escola, além de ensinar a respeitar as diferenças e promover a integração entre alunos e educadores.

Idealizado pelo professor de Matemática Edson Mamedes, a iniciativa contou com a colaboração dos professores Andréa Mamedes (Língua Portuguesa), Cleide Silva (Língua Inglesa), Deivid Fagundes (Matemática – mais educação); Marcílio Bittencourt (Educação Física), Rejane Freitas (Matemática) e Rogério (animador cultural) e envolveu os alunos dos ensinos Fundamental e Médio e do projeto Autonomia.

De acordo com Edson, o trabalho foi idealizado a partir de um pedido de um aluno. “O Julianderson, do 3º ano – que toca bateria, violão, guitarra, saxofone –, me pediu para fazer uma competição na escola para estimular e descobrir os talentos escondidos. Fiquei muito empolgado, pois, apesar de ser das exatas, amo a arte. Em especial, a música”, relata.

Edson acredita que a criação artística tem um papel fundamental na vida do ser humano. “É através dela que

conseguimos expressar exatamente o que somos e o que sentimos, por meio de manifestações culturais individuais ou em grupo. E os jovens precisam ser ouvidos e têm necessidade de expressar suas emoções para interagir com o mundo”, explica.

Para o desenvolvimento do projeto foram elaboradas quatro etapas. A primeira foi a divulgação, onde os alunos deveriam espalhar cartazes pela escola com informações sobre o período de inscrição e equipe responsável pelo *show de talentos*. Os estudantes deveriam também fazer a propaganda em todos os turnos, explicando como e quando seria o evento. Após esse processo, começaram as inscrições, onde foram disponibilizadas as fichas de inscrição com toda a equipe responsável, selecionadas e separadas por categorias.

A terceira etapa recebeu o nome de planejamento. Foram realizadas reuniões com a equipe organizadora e transmitido aos outros professores o acordado, pedindo o apoio de todos para incentivar e interagir no dia do evento, além de atribuir funções para a equipe e demais docentes durante todas as etapas do projeto e convidar jurados com antecedência, de preferência ligados à arte ou que entendam das categorias apresentadas. “Convidamos também professores que can-



O show de talentos teve apresentações de balé e dança, além de cantores, stand-ups, bandas de rock e de gospel, entre outras atividades



tam ou dançam para a abertura do evento e compramos troféus de 1º, 2º e 3º lugares (por categoria) e medalhas para todos os participantes”, completa Edson.

Nomeada de arrumação, a última etapa começou a ser realizada na semana que antecedeu o evento. Foi preparada toda a ornamentação e selecionados os desenhos, além da organização do palco e escolha dos materiais a serem utilizados. “No dia, montamos os equipamentos e demos os últimos retoques”, lembra o idealizador do projeto.

Segundo Edson, a disputa foi acirrada. “Convidamos jurados que realmente entendem. O professor de Arte Daniel Carrarine, por exemplo, é cantor, dublador e modelo e deu até uma ‘palhinha’ cantando com a docente Rejane Freitas, de Matemática. Tivemos também apresentações de sapateado e balé, inclusive temos aulas aqui na escola com a professora e bailarina Conceição Peixoto, além de bandas de *rock* e de *gospel*, bateristas, *stand-ups*, cantores, exposições de desenhos, entre outras atividades”, conta.

O docente explica que o primeiro *show de talentos* aconteceu em 2013, junto com o desfile da primavera, idealizado pela professora Andréa Mamedes, de onde já saíram duas modelos profissionais – a aluna Mylena Oliveira, que atualmente é *miss kids* Niterói, e Rafaela Araújo, contratada para uma revista de noivas. “Devido ao grande sucesso, em 2014 não foi diferente: realizamos o *show de talentos* e o desfile da primavera, tudo no mesmo evento. Foi maravilhoso!”, conclui.

Ciep Brizolão 476 Elias Lazaroni
Avenida A, s/nº – Nova Campinas
Duque de Caxias/RJ
CEP: 25268-010
Tel.: (21) 2675-1463
E-mail: katiarn@prof.educacao.rj.gov.br
Fotos cedidas pela escola



Projeto dedicado à educação racial resultou em consciência social

O Decreto 4.886/2003, que institui a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial, e a Lei 10.639/2003, em que se torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, foram exemplos de iniciativas que ajudaram a colocar a questão do racismo no foco de atenção das pessoas. Mas dentro e fora dos muros do Ciep 453 Dr. Milton Rodrigues Rocha esse assunto de qualquer maneira seria tratado como algo de extrema importância.

A Semana da Consciência Negra, realizada na instituição, reforçou a certeza de que é preciso discutir raça, reafirmando a etnia e problematizando as opressões contra as quais se luta e se resiste diariamente. Com o objetivo de educar para a igualdade racial e de gênero, o evento revelou sua africanidade através de versos, traços, desenhos, danças, teatro, penteados, vestuários, sorrisos, músicas, sabores e saberes.

A escola pensa o tema racial como conteúdo pertinente a todas as disciplinas, e por este motivo todos os educadores, entre o 9º ano do Ensino Fundamental e 3º do Médio, além da modalidade Neja (Nova Educação de Jovens e Adultos), participam da atividade anual que dá importância à consciência negra. De acordo com o idealizador do projeto, o professor de Literatura e Língua Portuguesa Hermes José, “Educar para a igualdade racial não é simples. Poucos temas causam tanto desconforto quanto essa questão no Brasil,

talvez um resquício de uma ideologia que procurou vender a miscigenação como o ‘encontro harmonioso das raças’. Isso cria no imaginário das pessoas a noção de que não existe preconceito em nosso país, pois, infelizmente, nos acostumamos com o racismo da ‘inclusão’. Agora com as atividades tivemos a oportunidade de colocar o dedo em algumas feridas, quiçá para curá-las de uma vez por todas, ao menos dentro de nosso ambiente escolar”.

Para se adequar ao verdadeiro ideal do projeto, um bimestre inteiro foi necessário para que tudo fosse esteticamente executado. A partir de pesquisas sobre a questão racial, referenciadas em diferentes grupos de estudo de universidades e também em setores do movimento negro, foram selecionados textos, poesias, músicas e símbolos relacionados à África e ao debate sobre igualdade racial, que integraram o repertório do evento. Da passarela ao projetor, o Ciep apresentou uma pluralidade de espetáculos divididos em uma programação de oito horas. O desfile de moda valorizou a liberdade de expressão e a autoestima, independente do tipo físico de quem desfilava. Priorizaram roupas com estilos e estampas africanas, levando especialmente os alunos ao reconhecimento de sua própria beleza. Com a temática racismo e identidade, o documentário “Entre tons e vozes” produzido pelos educadores Paulo Roberto Carneiro Pontes, Bruna Sichi Gonçalves e Hermes José, no qual os principais



entrevistados são membros da comunidade escolar, foi baseado em cinco questionamentos: existe racismo nesta escola? Você já presenciou alguma cena de racismo? A cor da pele interfere no relacionamento entre as pessoas? O racismo é crime. O que você acha disso? Qual a sua cor?

A aluna da turma 1.004 Mariane Martins ressalta: “Os debates me deram uma base e eu tento mostrar o quanto é errado ser racista, que temos que acima de tudo respeitar as pessoas. Há muito tempo eu sofria com o racismo, era chamada de preta do cabelo duro e hoje em dia eu ajudo as pessoas que passam por isso. Saber o quanto é horrível, só quem sente na pele... Quantas vezes eu chorava no meu quarto querendo não ir mais ao colégio porque as pessoas não me aceitavam. Não respeitavam a minha identidade, a minha negritude. Por um mundo sem racismo!”. O diretor do Ciep, Sandro Azevedo, ratifica: “O racismo e suas múltiplas expressões são evidentes a todo aquele indignado ou sensível às diferentes injustiças sociais. Com isso, garantir a visibilidade da juventude negra deve ser um compromisso da educação!



Durante as oito horas de programação, o público pôde conferir músicas e vídeos que trabalharam a exuberância da raça negra



Além das exposições de arte, os participantes tiveram workshops de culinária, no qual puderam experimentar os diversos sabores que a terra africana oferece



Histórico

A luta pela liberdade dos negros brasileiros nunca terminou. Nos anos 1970, uma ação de homens e mulheres do Grupo Palmares resultou num importante capítulo da história do país. No Rio Grande do Sul era revelada a data do assassinato de Zumbi, um dos ícones da República de Palmares, e, sete anos mais tarde, ativistas reunidos em um congresso do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial criaram o 20 de novembro como Dia da Consciência Negra. Em 1978, foi dado o passo que tornou Zumbi dos Palmares um herói nacional, vinculado diretamente à resistência do povo negro.

O racismo tem diversas origens, dependendo da história de cada pessoa. Em alguns casos, pode ser por terem ouvido discursos sobre as diferenças e superioridade de determinadas raças, em outros, por alguma atitude que delineou seu pensamento. Não importa como o racismo cresceu na mente das pessoas, mas vale ressaltar que, se ele for provado, é um crime inafiançável, com pena de até três anos de prisão.

Em 2011, a presidenta Dilma Rousseff sancionou a Lei 12.519, na qual a data foi criada, mas que não obriga a que seja decretado feriado, dando liberdade a cada local de ade-



rir facultativamente à lei. Atualmente, o Dia da Consciência Negra é um feriado em mais de 800 cidades brasileiras.

Colaboração: Richard Günter

Ciep Brizolão 453 Dr. Milton Rodrigues
Rocha
Av. Prefeito Milton Rodrigues Rocha, 40
Manilha – Itaboraí/RJ
CEP: 24855-264
Tel.: (21) 3638-3596
E-mail: ciepbrazilao453@educacao.rj.gov.br
Professor responsável: Hermes José
Fotos cedidas pela escola



Biblioteca Parque da Rocinha



O conceito de biblioteca vem evoluindo muito, de um lugar apenas de guarda-livros, de consulta para pesquisas e estudos, para um centro de cultura e cidadania. A terceira biblioteca parque do Brasil localizada na Rocinha, a maior favela da América Latina, virou um lugar de acesso livre e irrestrito à informação, tornando-se referência de um modelo novo de discussão sobre a questão do conhecimento, da formação e da educação.

O espaço, dedicado à literatura, às artes, à integração da comunidade com a cultura local e a contemporânea e clássica, ocupa um prédio de cinco andares no interior da localidade. Com mais de mil metros quadrados, o lugar possui um acervo de 15 mil obras literárias e não-literárias, incluindo uma DVDteca com mais de 2 mil títulos, cineteatro, sala multiuso para cursos, estúdios de gravação e edição audiovisual, setor de leitura e acesso à internet, cozinha-escola, café literário, um mirante, além de serviços para portadores de necessidades especiais.

Com o intuito de viabilizar cultura à comunidade, a Biblioteca foi inaugurada em junho de 2012, tendo como principais referências as bem-sucedidas experiências implementadas na Colômbia, na cidade de Medellín e na capital Bogotá. O programa faz parte de uma rede que a Secretaria de Estado de Cultura vem implementando, com o objetivo de estruturar um novo patamar de atendimento para as atividades

culturais. A ideia é criar diversas bibliotecas no município do Rio de Janeiro, a fim de interligá-las para conduzir os usuários à socialização e trocas de experiências.

A Rocinha apresenta uma vocação cultural muito grande por ser repleta de artistas, agentes e mediadores culturais. A construção de uma unidade da Biblioteca Parque enalteceu a cultura da comunidade, pois o espaço múltiplo trabalha todas as artes, como música, cinema, teatro, literatura, gastronomia etc. Baseado no conceito de que bibliotecas não devem ser somente locais silenciosos, mas lugares que se aproximem de centros culturais, o espaço realiza atividades que promovem conhecimento e leitura nos mais diversos suportes, visando estimular a propagação de produções artísticas e, especialmente, oportunizando o acesso direto à cultura.

A biblioteca funciona de terça a domingo, das 10 às 20 horas e a entrada é franca. Para o empréstimo das obras é preciso fazer um cadastro no guichê apresentando um documento oficial com foto e um comprovante de residência.

Colaboração: Richard Günter

Biblioteca Parque da Rocinha
Estrada da Gávea, 454 – Rocinha – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22451-264
Tels.: (21) 2334-7097 / 2334-7098
E-mail: faleconosco@bibliotecadarocinha.rj.gov.br
Horário: de terça-feira a domingo, das 10 às 20h.





Mostra Cultural

Tony Carvalho

Depois de um contínuo processo de estudo, pesquisa, trabalho e interação, os alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Professora Maria de Lurdes de Oliveira Lavor, na Ilha do Governador, presentearam a comunidade escolar com uma feira cultural, cujo diferencial foi não ter um tema específico. Ou seja, cada disciplina teve autonomia para definir o que os alunos explorariam. O resultado foi uma diversidade de conhecimentos, apresentados de diversas formas durante uma semana.

No laboratório de Química, a professora Mariza Magalhães realizou uma mostra envolvendo composições, estruturas e propriedades da matéria e as mudanças sofridas por ela durante as reações químicas. Cada turma, dividida em grupos, preparou uma apresentação e expôs um *banner* sobre o tema estudado. Segundo a docente, o objetivo foi conscientizar, esclarecer e informar sobre a importância do conteúdo dessa disciplina no nosso cotidiano. "A Química é vista como uma matéria difícil, detalhista e na qual muitas vezes não se vê a ponte entre o que se estuda e o que se vive. Por isso, a proposta do trabalho foi fazer com que os alunos apresentassem 30 temas ligados a essa ciência, mas com suporte dentro da realidade. Todo o conteúdo que eles viram na teoria foi aplicado ao cotidiano deles. Por exemplo: o grupo que abordou a química dos compostos artificiais na produção dos plásticos mostrou como se dá o comportamen-

to dos diferentes plásticos no dia a dia das pessoas. Outro grupo destacou a contribuição da biotecnologia nas nossas vidas, aplicada na agricultura, na ciência dos alimentos e na medicina. Tivemos grupos que abordaram os aditivos químicos, a reciclagem, a poluição ambiental e muitos outros temas, de acordo com o conteúdo programático de cada série", afirma a professora.

Durante a apresentação dos grupos, professores de outras disciplinas compuseram uma mesa julgadora para avaliar o desempenho dos alunos. Após cada participação, a mesa fazia questionamentos e acrescentava sugestões ao que foi explanado. Para a aluna do 3º ano Isabel Mendes, o projeto permitiu abranger assuntos que ela não conhecia. "Só tinha ouvido falar em jornais e na internet, mas nunca tinha me ligado. Agora já posso até debater com outras pessoas", garante. Gustavo Queiroz, também do 3º ano, aprovou a abordagem do projeto: "É importante enxergar a Química não só por cálculos e fórmulas, mas sua aplicação no dia a dia, para que seja compreendida na sua essência".

Simultaneamente, no teatro da escola, a professora de Língua Espanhola Maria Lúcia Amaral acompanhava o desempenho dos alunos em apresentações de



A Feira Cultural resultou na exposição de diversos trabalhos, que foram expostos em *banners* e cartazes



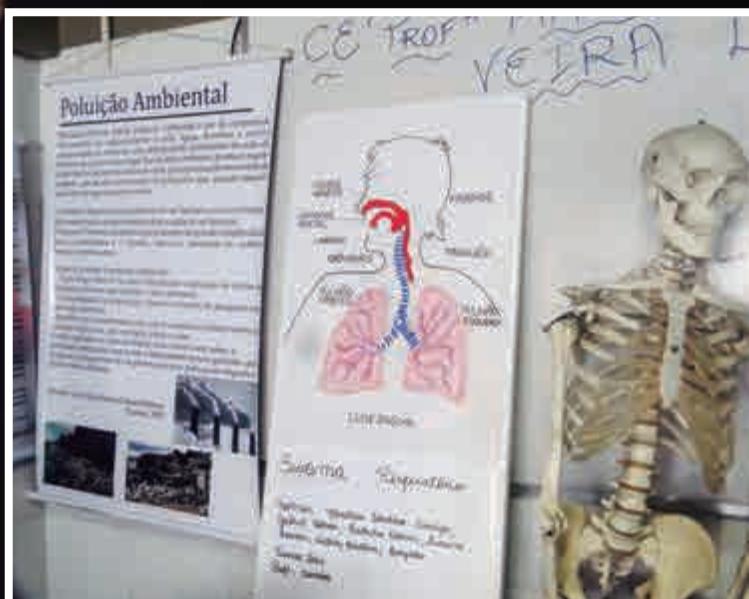
Durante a apresentação dos grupos, professores de outras disciplinas compuseram uma mesa julgadora para avaliar o desempenho dos alunos



dança, que fazem parte de um projeto sobre a América hispânica. Cada turma foi sorteada com um país. Divididas em grupos, elas foram instigadas a pesquisar a cultura, os costumes, a literatura, a culinária e personagens importantes do país abordado. "Foi um projeto de língua adicional, aplicado nesta escola pela primeira vez, e que consistiu de várias etapas: a primeira foi o esboço feito por eles, que eu analisei e dei as sugestões necessárias. A segunda ocorreu dentro de sala de aula, quando eu trabalhei a cultura dos diversos países. A terceira etapa foram números de teatro e, por último, a sala temática, quando eles fizeram uma apresentação oral", explica. A agente de leitura Claudia Almeida também realizou um projeto de produção literária. Os alunos envolvidos compuseram paródias e criaram uma página na *web* para publicar suas obras.

Já o professor de Filosofia Roberto Beites desenvolveu três projetos ligados à sua disciplina: os alunos do 1º ano trabalharam as influências das culturas indígena e africana na construção da identidade nacional. "Através do conteúdo abordado em sala de aula, a gente problematiza a questão de a cultura ser algo eurocêntrico em um lugar muito diversificado. Somos uma verdadeira colcha de retalhos oriundos de vários países. Esse

Com o conteúdo na "ponta da língua", cada turma, dividida em grupos, preparou uma apresentação sobre o tema estudado



Simultaneamente, no teatro da escola, a professora de Língua Espanhola acompanhava o desempenho dos alunos em apresentações de dança



caldeirão de variedades, essa multiplicidade dentro da unidade, nos torna uma nação diversa e é isso que temos tentado demonstrar no trabalho”, esclarece o professor.

As turmas do 2º ano pesquisaram sobre a tecnociência. Os alunos discutiram como descartar o lixo eletrônico sem causar danos ao ambiente e, por conseguinte, a nós mesmos. “Problematizar as ações do indivíduo enquanto cidadão, com suas responsabilidades e consequências, propicia a esses jovens profundo amadurecimento”, completa Roberto. A aluna Larissa Farias, do 2º ano, concorda com as palavras do professor: “Estamos aprendendo que Filosofia é o ato de pensar, que nos ajuda a refletir sobre as coisas que acontecem ao nosso redor. Hoje percebo que não se trata de um conhecimento, mas uma atitude natural do homem em relação ao universo e seu próprio ser”. O 3º ano produziu vídeos que tratam de questões étnico-raciais, da violência contra a mulher e da orientação sexual. “Como educador, acredito que o conhecimento não se reduz ao livro didático e ao conteúdo do currículo. Se dá na minha prática cotidiana, na relação direta com o estudante. Eu não vejo o meu aluno como um recipiente vazio. Ele é um ser que tem capacidade, discernimento e posicionamento crítico. Ao apresentar um trabalho como esse, ele se torna protagonista. Projetos assim propiciam que a escola saia da rotina e faça da educação um instrumento potencial de transformação”, arremata Roberto.

Para a diretora adjunta Alessandra Dias, a pluralidade de temas foi o carro-chefe da mostra. “Como educadora, vejo que esse projeto estimulou o aluno nas relações interdisciplinares. Ele viu que os conteúdos de todas as matérias estão interligados e que têm uma aplicação prática. A proposta era tirar esses jovens da zona de conforto e fazer com que percebessem que o mundo não se resume a uma rede social. Temos acesso a todas as informações pela internet, mas é essencial saber como utilizar essa ferramenta. A escola pode dar essa orientação. Sem dúvida, ver a alegria e o envolvimento dos alunos é o maior prêmio”.

Colégio Estadual Professora Maria de Lurdes Oliveira Lavor
Rua Sargento João Lopes, 315 – Ilha do Governador – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 20720-013
Tel.: (21) 2334-6461
E-mail: ceprof.lavor@gmail.com
Diretora-geral: Lilian Barbosa Arnaus
Fotos: Tony Carvalho



Quadrado mágico e animes

Jéssica Almeida

Atividades de
Matemática
e Sociologia
estimulam o
aprendizado das
disciplinas

4	9	2
3	5	7
8	1	6



Durante passeio em Museu, os alunos puderam associar a Matemática com a realidade do cotidiano e perceber o vínculo existente entre ela e outras matérias

Devido às dificuldades encontradas pelos estudantes com a Matemática, a falta de encantamento e a distância do cotidiano que a disciplina parece ter para eles, a professora Sônia Mendes idealizou um projeto com os alunos do Ciep 382 Aspirante Francisco Mega, em Magalhães Bastos.

O trabalho consistiu em uma aula passeio, na qual os jovens pudessem associar a Matemática com a realidade do cotidiano e perceber o vínculo existente entre ela e outras matérias. "Pensei então na Sociologia, devido à sua carga cultural, e para que os alunos pudessem atentar para a ligação entre as áreas de humanas e de exatas", relata a docente. Por isso, Sônia convidou a professora da disciplina, Anastácia Andrade, para dar início ao projeto.

As docentes explicam que com este trabalho pretende-se, além do encantamento por essas duas áreas do saber, criar nos alunos uma consciência e o prazer no estudo tendo a contribuição prática da aula passeio. "Descobrir e aprender Matemática através de elementos culturais de uma sociedade", como define Sônia. De acordo com elas, a iniciativa visou também desenvolver o espírito pesquisador e investigador

dos estudantes de Ensino Médio e promover um estudo de caráter interdisciplinar. Foi possível também mostrar a necessidade de comunicação que caracteriza o homem, cuja linguagem se aperfeiçoa através do tempo, relacionando-a com a evolução da Matemática e da própria humanidade.

Durante a visita ao Museu Histórico Nacional foram observadas a história contada através da arte, da Monarquia à República, e as transformações das moedas. Além dessas exposições os alunos tiveram contato com outras atrações, entre elas a do brinquedo *playmobil*, e conheceram ainda utensílios e móveis antigos. Após o passeio foram discutidos alguns temas em sala de aula abrangendo questões como o escambo, a origem da palavra salário, o material utilizado para sua fabricação, entre outras (confira mais à frente o resumo realizado pelos estudantes).

Os alunos confeccionaram também um livro relatório e, segundo as educadoras, apresentaram um interesse maior pelas disciplinas e descobertas. "Pensamos em dar continuidade ao projeto, só que agora com os estudantes sendo pesquisadores e apresentadores dos temas que envolvessem Matemática e Sociologia", revelam.

Resumo realizado pelos alunos Leonardo Rodrigues, Éder Santos, Vinícius Gomes e Vitor Hugo, da turma 1.014

O Museu Histórico Nacional é um dos mais importantes do Brasil, reunindo muitos itens, entre os quais a maior coleção de numismática da América Latina. Esse passeio cultural que o colégio proporcionou nos auxiliou bastante tanto para ampliar nosso conhecimento e cultura, quanto para nos ajudar a discutir sobre determinados aspectos da história. Entramos em sala com diversos tipos de artesanato, e a que mais chamou nossa atenção foi aquela em que estavam expostos diversos tipos de moedas – quadrada, redonda, grande, pequena e assim por diante.

Conforme explicações dadas pela expositora do museu, cada moeda representava um valor na sociedade. As de ouro indicavam que o império era rico e ganhava muitas batalhas, mas se fosse de outros tipos não era nem muito rico e nem vencedor de tantas guerras. Seguindo a visita, fomos vendo algumas pinturas. Uma delas foi a de Tiradentes, cujo nome era Joaquim José da Silva Xavier, que se parecia muito com a imagem de Jesus nos filmes, dando a impressão de um homem bom, humilde e prestativo. Foi reconhecido como o Mártir da Inconfidência Mineira, sendo executado por enforcamento no dia 21 de abril, data em que atualmente se comemora feriado nacional. Tiradentes costumava ajudar os escravos no tratamento dentário, e não se sabe até hoje se sua imagem realmente era a que encontramos nos livros.

Uma das relações que pude perceber entre Matemática e Sociologia durante o passeio cultural dentro do museu foi que esta última muitas vezes representa a sociedade dos impérios, enquanto a Matemática trata das moedas. Percebi também que existiam outras matérias, como Artes e História. Em suma, foi um dos melhores passeios de que participei e espero que possam ser proporcionadas mais atividades como essa.

Oficinas

Após a visita ao museu, surgiram as oficinas do quadrado mágico e animes. Na primeira, os estudantes que apresentaram fizeram uma pesquisa histórica e iniciaram a atividade contando sobre a origem do quadrado mágico e explicaram o significado da ordem de um quadrado mágico e sua definição. Após isso, os alunos receberam uma folha com um quadrado dividido em nove quadrados menores e eram estimulados a tentar preenchê-lo com números de 1 a 9 sem repeti-los e de modo que formassem um quadrado mágico (com a soma das linhas, colunas e diagonais tendo o mesmo valor). “A atividade contribui com o raciocínio lógico, pois os alunos eram convidados a ficar pensando e procurando uma lógica, para depois mostrarem suas respostas, e os que estavam apresentando a oficina explicavam seu preenchimento”, relata a docente de Matemática.

Já na oficina de anime, os alunos realizaram uma pesquisa histórica e iniciaram a tarefa contando sua trajetória e origem. Depois cada estudante criava um personagem e um símbolo com formas geométricas, que eram identificadas. A educadora conta que, após a realização das oficinas, foi possível notar um avanço em sala de aula. “Houve uma integração melhor da turma, participação mais ativa durante as aulas, interesse e expectativa por novos conhecimentos”, relata Sônia. Além disso, ela afirma que o projeto deve ser aplicado principalmente em classes do primeiro ano do Ensino Médio, a fim de motivar os estudantes, para uma continuidade e contribuição para as séries seguintes. “As atividades lúdicas são de extrema importância, pois são instigantes, motivadoras e despertam a curiosidade. Em geral, noto que os alunos demonstram mais vontade em trabalhar com projetos, pois eles mesmos descobrem os novos temas que são lançados ou aqueles que surgem dos seus próprios interesses”, conclui.





Conte até 10



Projeto visa diminuir intolerância entre os alunos através das áreas do conhecimento

Partindo de ação desenvolvida pela Enasp (Estratégia Nacional de Justiça e Segurança Pública), o Colégio Estadual Professora Maria Nazareth Cavalcanti Silva, que recebeu a visita do Príncipe Charles em 2009 no projeto *De olho no clima*, implantou agora outra atividade, denominada *Conte Até 10: Entre Nessa Onda!*, onde os alunos organizam debates e manifestações visando a diminuição da intolerância dentro da escola. Trata-se de uma mensagem de paciência, tolerância e reflexão para evitar atos de violência, principalmente homicídios, cujas consequências são individual e socialmente desastrosas.

Por ser um ambiente de ensino e importante espaço de convivência e de formação dos adultos de amanhã, é especialmente no Ensino Médio que o estudante amadurece sua capacidade de reflexão crítica para diversas decisões da vida, algo indispensável para a tomada de decisões que a sociedade, futuramente, vai exigir. Este foi o primeiro propósito para a aplicação do projeto. Um segundo motivo tem a ver com as tristes estatísticas de violência no país.

De acordo com o Mapa da Violência 2013 – Homicídios e Juventude no Brasil, o volume de assassinatos contra jovens de 15 a 24 anos corresponde a 39,3% das mortes ocorridas entre a população jovem brasileira. Em outras faixas etárias, os homicídios respondem por 3% dos óbitos.

Dividida em dez partes, a metodologia aplicada no decorrer do ano para as turmas de Ensino Médio traz teoria e prática onde os alunos podem pesquisar e debater desenvolvendo sugestões que serão reproduzidas, com o intuito de transmitir toda a mensagem concebida. No primeiro ato, a professora de Língua Portuguesa e Produção Textual, Valéria Campos, apresentou a temática “Por uma questão de humanidade”, na qual indaga: “O que nos faz humanos? Qual a razão de sermos dotados de razão? Quem você realmente é diante das dores alheias?”. Essa introdução foi o pontapé inicial para que os alunos interagissem na temática.

No segundo ato, ministrado pelas professoras de Língua Inglesa Lillian Pinto e Valéria Plaisant, os alunos elaboraram em sala de aula pôsteres criativos sobre os temas abordados, com as *hashtags* #KeepCalmandStopBullying, #KeepCalmandBeHappy e #KeepCalmandFocusYourGoals. Os estudantes exibiram as imagens com legendas sobre fraternidade, alegria, amor, paz e solidariedade, abordando a valorização da reunião familiar, as boas amizades e as consequências da prática do *bullying*. Já na terceira parte, o tema ficou voltado para a Educação Física e, segundo a professora da disciplina, Vera Fernandes, privilegiou uma questão que vem sendo debatida e discutida pela mídia: as atitudes negativas de alguns jogadores durante a Copa do Mundo de Futebol.

A quarta parte do projeto, intitulada “Maria Fashion Week”, está diretamente ligada à psicologia e ao *design*. Discutindo o tema moda, a professora de Biologia Janete Rosa participou com alunos e professores de um debate no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (Nesa). Os presentes ouviram palestras de psicólogos, e os jovens receberam orientação de como resolver conflitos que surgem na adolescência. De volta à sala de aula, foi aberto um debate, no qual os alunos falaram sobre sentimentos e emoções vivenciados. Adiante, foram desafiados a escolher uma dessas expressões e transformá-las em uma peça de roupa, defendendo a realidade brasileira, em comparação com a problemática de países em guerra e os conflitos envolvendo os jovens.

“Atravessando os muros da escola” foi a temática da quinta fase do projeto, em que a Ilha de Paquetá serviu de cenário para as atividades interdisciplinares de Educação Física, com o professor Sérgio Carnevale, e de Sociologia, com a docente Dinah Silva, enfatizando a solidariedade. Os alunos, alguns de olhos vendados, participaram de uma dinâmica onde eram amparados e protegidos pelos amigos que não estavam

com vendas nos olhos. Ao final, foi realizado um círculo de diálogos sobre as emoções e os sentimentos envolvidos na atividade. Segundo a professora Valéria Plaisant, “um projeto que atravessa os muros da escola é sempre gratificante e enriquecedor tanto para os alunos quanto para os professores, pois colocamos em prática todos os valores e emoções desenvolvidos no *Conte Até 10*.”

Os estudantes aprendem de uma forma lúdica e prazerosa”, enfatiza a educadora. A sexta parte discutiu racismo, intolerância religiosa, capoeira e *apartheid* nas aulas de História da professora Andressa Gomes. “Os fatos nos mostram que a ignorância gera a intolerância e que a forma de combatê-la é a partir do conhecimento”, ratifica Andressa. A arte do professor Lyzandro D’Alli Stella foi a responsável por todo o cenário criado para a sétima fase do projeto. Parceiro antigo nas atividades do Colégio Nazareth, o educador colaborou de forma simples, debatendo e valorizando o que os alunos sabem ou aprenderam através da educação artística. O trabalho interdisciplinar com Inglês e Sociologia gerou a produção de cartazes com imagens, *banners* com os números de 1 a 10 e um vídeo criado pelos estudantes.

Uma ação própria da escola, coordenada pela professora de Língua Portuguesa Maristela de Sant’ Anna, também foi implantada no *Conte até dez*, na oitava fase do projeto. O Café Literário, que tem por objetivo divulgar os trabalhos culturais dos alunos na unidade escolar, abordou o tema “Tributo à vida”, no qual foram enfatizados valores como respeito, tolerância e autoestima em forma de poema, música e dança. “Valorize a vida / Pense sempre em coisas positivas...” é um trecho da poesia da aluna do primeiro ano Assucena Ribeiro Matias dos Santos. Na penúltima parte, os problemas causados pelas drogas lícitas e ilícitas entraram em pauta. Os estudantes elaboraram danças, teatro e exposições sobre o tema. E, na última fase do projeto, a diversidade sexual foi o tema abordado no “Círculo de diálogos”. Impactante, a atividade proporcionou aos participantes o desabafo. Alguns alunos relataram ter dificuldades de relacionamento com a família e já terem sofrido *bullying* na escola por conta da homossexualidade, além de pedirem auxílio para serem aceitos pela sociedade. Por possíveis embaraços causados por esses motivos as mediadoras, a diretora Guiomar Vasconcellos e a professora Valéria Plaisant, afirmaram que não foi registrado o debate, mas que foi de grande valia para o corpo docente. “Ainda um tema polêmico, que requer muito estudo e aprendizados para abordarmos melhor em sala de



aula, a diversidade sexual será discutida com mais frequência. Introduzimos esse conflito após a participação em reuniões na coordenação de gênero da Seeduc”, relata Valéria.

A diretora-geral do Colégio, Simone Assafin, acredita que o projeto foi mais um divisor de águas para a instituição de ensino. “A equipe está de parabéns, nossos alunos são criativos e sabem trabalhar com orientação dos professores, que ajustaram os temas dos projetos aos conteúdos do currículo mínimo e a suas avaliações. A cada atividade temos a adesão de mais professores”, enaltece Assafin. Numa análise final, Adriana Bastos, diretora pedagógica do Nazareth, dispara: “O projeto ficou acima de nossas expectativas. Além de unir todas as disciplinas trabalhando em um só tema, ele integrou os três turnos da escola. O compromisso, a dedicação e a garra de nossos corpos docente e discente foram mais uma vez impecáveis! Nossa instituição faz a diferença na vida dos jovens que por aqui passam”, corrobora Adriana.

Lançado nacionalmente em novembro de 2012, o *Conte até 10* ultrapassou os limites dos órgãos que compõem a Estratégia Nacional – Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP), Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e Ministério da Justiça – e ganhou os espaços sociais mais diversos. “A atitude ainda é contar até dez antes de reagir à raiva, porque valente mesmo é quem não briga”, diz um cartaz da campanha. Saiba mais sobre o programa no *site* do Ministério Público: www.cnmp.mp.br/conteate10/

Por: Richard Günter

Colégio Estadual Professora Maria Nazareth
Cavalcanti Silva
Rua Barbosa, 229 – Cascadura – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21350-020
Tel.: (21) 2333-9550
E-mail: cemarianazareth@oi.com.br
Diretora-geral: Simone Assafin
Fotos cedidas pela escola



Um gol de análise química

Projeto identificou as reações químicas presentes em partida de futebol



Notamos que o rendimento dos nossos alunos melhorou e o interesse tanto pelas aulas teóricas quanto nas aulas práticas também aumentou

Para quem acha que a disciplina de Química não tem nada a ver com o futebol, o Ciep 201 Aarão Steinbruch fez questão de comprovar o contrário, mostrando que há muito mais semelhanças do que imaginamos. Sob o comando do Programa Institucional de Bolsas para a Iniciação à Docência (Pibid), a instituição de ensino apresentou aos seus alunos o projeto que teve como tema principal a química no futebol.

Com muita criatividade, os estudantes puderam analisar as reações químicas decorrentes de uma partida de futebol, além dos objetos utilizados durante o jogo. Foram então separadas algumas características envolvidas com o esporte: a euforia, a bola, a chuteira, o uniforme, o gramado, o barulho, as cores, a rede e as travas. Munidos desses elementos, a função foi mostrar o que está presente nelas. Com tecido TNT verde, foi simulado no auditório do próprio Ciep 201 um grande estádio futebolístico. Foram providenciadas também camisas, bolas e chuteiras, além de garrafas *pet*, tintas faciais, fios de náilon e maquetes de moléculas feitas com isopor e palitos de churrasco representando os compostos de carbono.

Inicialmente, foram estudados os sentimentos que são causados por hormônios. Moléculas de dopamina e de adrenalina, representadas por bolas de isopor e palitos de churrasco, explicaram as reações que experimentamos durante um jogo de futebol. A dopamina, um neurotransmissor, desempenha importantes funções no organismo. A primeira delas é a sensação de prazer. No decorrer de circunstâncias agradáveis, a substância é liberada, desencadeando impulsos nervosos, que levam a uma sensação de bem-estar. Já a adrenalina é um hormônio que prepara o organismo para realizar atividades e esforços físicos. Ambas atuam no sistema nervoso simpático.

Posteriormente, foram analisados os materiais que estão presentes nos objetos usados durante uma partida. Como o assunto é futebol, a protagonista do projeto foi a bola. Comparações entre as químicas de fabricações comprovaram a variação, antes couro, hoje polímero em três camadas.

Ao final dessa apresentação, um questionário de sete itens sobre o tema foi cuidadosamente aplicado aos alunos para que pudessem ter em mãos um

Com tecido TNT verde, foi simulado um estádio para que os estudantes pudessem analisar as reações químicas decorrentes de uma partida de futebol



material que mostrasse como o conteúdo foi compreendido e até mesmo o que não foi aprendido.

De acordo com a diretora adjunta da instituição, Ana Cátia, a maneira lúdica de passar as informações e o linguajar parecido com o deles contribuíram para que os alunos/estagiários conseguissem fazer com que a turma se interessasse e gostasse mais da disciplina de Química. “Notamos que o rendimento dos nossos alunos melhorou e o interesse tanto pelas aulas teóricas quanto nas aulas práticas também aumentou”, ratifica Ana.

A atividade faz parte do Pibid, programa que oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dedicam ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometem com o exercício do magistério na rede de ensino. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula de educação gratuita. Com essa iniciativa, o Pibid promove uma articulação entre a educação superior (licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais.

A intenção do programa é unir as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas, a favor da melhoria do ensino nas escolas públicas em que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) esteja abaixo da média nacional, que é de 4,4. Entre as propostas do programa está o incentivo à carreira do magistério nas áreas da educação básica com maior carência de professores com formação específica: Ciências e Matemática de quinta

a oitava séries do Ensino Fundamental e Física, Química, Biologia e Matemática para o Ensino Médio.

A educadora e supervisora Cristiane Moraes ressalta: “Após o início do projeto foi possível perceber uma grande melhora no rendimento e interesse dos alunos. Esse trabalho se mostrou muito importante para a escola e aos estudantes que participaram dele. Sem falar na minha formação continuada, visto que temos reuniões quinzenais do grupo, onde discutimos formação de professores e propostas para melhorar o ensino de Química na educação básica”, conclui. Já para a aluna do segundo ano Luana Souza da Silva, de 16 anos, a iniciativa fez com que conseguisse identificar a Química no seu dia a dia, além de contribuir para elevar suas notas e incrementar os experimentos no laboratório da escola. “Eu vejo o Pibid como um projeto que vai além das aulas da disciplina. Aliás, até acho mais divertido que na sala”, exalta a aluna.

Colaboração: Richard Günter

Ciep 201 Aarão Steinbruch
Presidente Kennedy, s/n – São Bento
Duque de Caxias/RJ
CEP: 25010-006
Tel.: (21) 3659-1464
E-mail: aaraorico@yahoo.com.br
Professora responsável: Cristiane Moraes
Fotos cedidas pela escola

A máquina da vida

O corpo humano é constituído por diversas partes que são inter-relacionadas e se transformam numa fantástica máquina, composta de sistemas e órgãos que trabalham segundo a sequência. Os alunos do Centro Educacional Lúcia Freitas, em São João de Meriti, embarcaram numa jornada pelo corpo humano para desvendar todos os seus segredos. O que eles aprenderam foi apresentado na Feira de Ciências da escola.

O projeto foi realizado por turmas do primeiro segmento do Ensino Fundamental e pelos pequenos da Educação Infantil, que desenvolveram trabalhos abordando os cinco sentidos. Os alunos participaram de atividades concretas e escritas, utilizando as salas de aula e os outros espaços da escola. Já as turmas do Fundamental I trabalharam os sistemas do corpo humano, divididos pelo nível de conhecimento de cada série.

A coordenadora pedagógica Carolina Ramos Soares destaca que a proposta da feira foi estimular os alunos a descobrir como funciona o nosso corpo: “As crianças estão em movimento o tempo todo. Então, decidimos abordar esse tema, motivando-as a investigar como funciona a máquina do ser humano, de que forma obtemos energia para o seu funcionamento e o que acontece quando realizamos alguma atividade, respiramos ou ingerimos alimentos”.

O Jardim I abordou a audição, recurso que não só ajuda a perceber os sons como também a manter o equilíbrio, a orientação postural e o senso de direção. “Esse sentido foi trabalhado através do conhecimento do aparelho auditivo e de todos os sons que são importantes para nossa vida. E

como a ludicidade é fundamental para o aprendizado, principalmente nessa faixa etária, confeccionamos instrumentos com materiais recicláveis”, justifica a professora Rosemary Santiago. O Jardim II explorou o olfato e o paladar, sendo promovidas atividades para identificar alimentos através do aroma ou do gosto. As crianças do Jardim III estudaram o sentido do tato, e foi montado, exclusivamente para a feira, um tapete sensorial em que é possível sentir, com os pés, diferentes texturas. “A pele é o maior órgão do corpo humano. Através do tato podemos sentir o que é quente, frio, duro ou mole, por exemplo. Com a turma, além do tapete, montamos jogos e caixas sensoriais”, conta a professora Martha Coelho.

Enquanto 1º ano ficou com a parte de higiene corporal e mental, o 2º abordou os sistemas nervoso e endócrino, sinalizando para as principais doenças que podem afetá-los. “Os alunos ficaram curiosos com o cérebro e o seu funcionamento. Também se maravilharam com os fetos, e a maioria nem imaginava que o bebê, ainda no útero, já pudesse correr risco de doenças. Essa foi a parte que mais chamou a atenção deles”, aponta a professora Zelma Tavares.

O 3º ano enfocou os sistemas muscular, esquelético e cardiovascular. “A turma montou maquetes e construiu um

Tony Carvalho



Durante a Feira de Ciências, os alunos embarcaram numa jornada pelo corpo humano para desvendar todos os seus segredos



modelo do coração para mostrar como ele funciona. Para completar, também declamaram poemas e cantaram uma música que fala dos órgãos”, explica a professora Raquel Abreu.

O 4º ano mostrou os sistemas digestório e excretor. “Já vínhamos trabalhando esse tema durante o ano e, com a pesquisa para a feira, os alunos aprofundaram os conhecimentos. A turma foi dividida em cinco grupos nos quais um deles retratou o funcionamento dos rins; outro, as glândulas sudoríparas; o terceiro, o aparelho digestório; o quarto, os intestinos, e o quinto falou sobre os alimentos”, relata a professora Mariana Nolasco.

Já o 5º ano apresentou o sistema respiratório. Os alunos mostraram para os visitantes como é feito o trabalho de oxigenação e remoção do gás carbônico no organismo. “Esse assunto já fazia parte do conteúdo da série mas, com o projeto, pudemos explorá-lo ainda mais”, diz a professora Carla Gomes.

O aluno Bruno Ricardo Vieira montou um modelo do sistema respiratório, com laringe, traqueia, brônquios, bronquíolos e pulmões, despertando o interesse dos visitantes da feira. À medida que as pessoas se aproximavam, ele dava uma verdadeira aula. “Gosto muito de ciências e esse projeto fez com que o meu interesse se tornasse ainda maior”, afirma.

A diretora da escola, Carmem Lúcia de Freitas Pereira, ficou feliz com o resultado do projeto. “A busca pelo conhecimento do corpo foi algo muito criativo e que empolgou a todos. As crianças demonstraram que realmente aprenderam”, finaliza.



Centro Educacional Lúcia Freitas
Rua Lourenço Campos, 12 – Vila Tiradentes
São João de Meriti/RJ
CEP: 25520-711
Tel.: (21) 2656-7583
E-mail: celuciafreitas@live.com
Fotos: Tony Carvalho



Brincando com as crianças

Projeto tem como objetivo valorizar o aprendizado com diversão

Jéssica Almeida



Com intuito de destacar a importância da música na vida do ser humano, principalmente quando se trata da primeira infância, período no qual a criança desenvolve seus sentidos tornando-se mais sensível ao aprendizado, foi criado um projeto para levar histórias e músicas para essa faixa etária. Idealizado pelo professor e músico Ilario Antonio Dias, conhecido como Tuninho, a atividade é praticada em escolas e festas infantis.

Segundo o professor, a ideia do projeto surgiu em 2004, quando trabalhou em um abrigo e percebeu que seria importante um movimento que pudesse oferecer, através da música, ensinamentos pedagógicos e sociais. “Nesse período vivi experiências incríveis com crianças e adolescentes, uma das quais com um menino de oito anos que não gostava de Matemática, o que me levou a compor a música “Aprendendo a somar”, que acabou sendo muito eficaz para o aprendizado dele, já que despertou o interesse por aquela disciplina”, lembra.

Em 2010, Tuninho colocou em prática o projeto que só estava no papel. Em 2014 gravou um CD, intitulado “Brincando com crianças”, onde colocou todas as canções que compôs para o trabalho infantil. “Foi quando percebi

que queria algo a mais, que despertasse nas crianças uma sensação de aventura, de fantasia. Então veio a ideia de criar um personagem parecido comigo. Resolvi usar o nome com que os pequenos me chamavam na creche: tio Tuninho. Mas eles emendavam tudo e ficava Tituninho”, conta.

O educador explica que o projeto tem como principal objetivo levar educação de uma forma lúdica e simplificada para a criança. Mostrar através de histórias e músicas a importância da educação em suas vidas, além de buscar em movimentos sincronizados a beleza e a eficiência do trabalho coletivo, onde elas, além de brincar e se divertir, aprendem a ser mais sensíveis e flexíveis dentro da sua realidade de vida.

De acordo com Tuninho, antes de se apresentar ele mostra o projeto para a equipe pedagógica da escola analisar. “Exponho todo o material por escrito no qual explico o passo a passo, o que vai acontecer, o objetivo e a forma com que será transmitido para as crianças. Além disso, eles assistem um vídeo para ilustrar o conteúdo”, esclarece. O trabalho dele é feito de duas formas: voluntariamente, em instituições carentes, ou cobrando por espetáculo.



O personagem Tituninho, criado pelo professor e músico Ilario Dias, ao lado das crianças do Centro Educacional Moinho Feliz



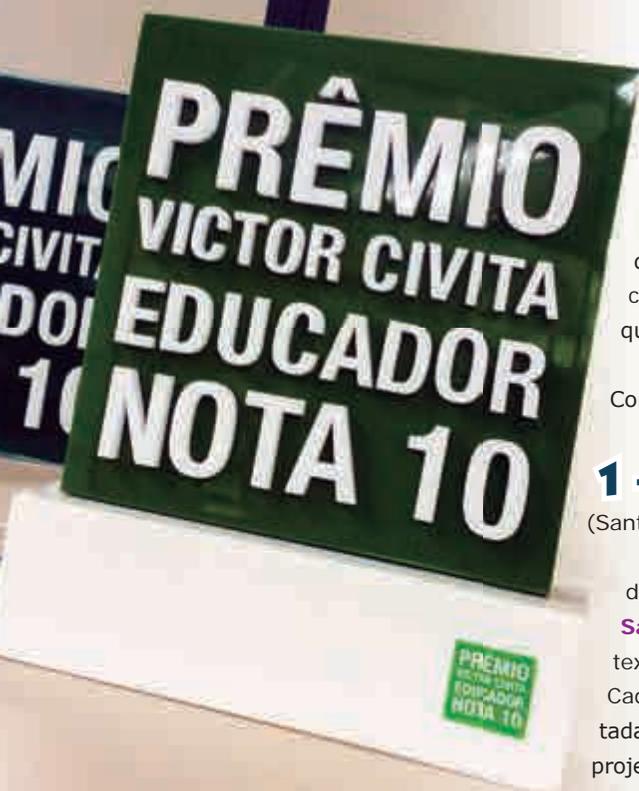
Apresentando nas escolas

O Centro Educacional Moinho Feliz, em Paciência, foi uma das escolas que assistiu a apresentação. A aluna do 2º ano Leticia Cardoso da Silva conta que achou a *performance* muito alegre e divertida. “Aprendi sobre as coisas que devemos fazer, entre elas brincar e ser uma pessoa boa. Gostei muito das músicas, das historinhas e de somar com os dedos. Adorei o Tituninho, subi no palco e abracei ele”, lembra a pequena de apenas 6 anos. Já Laura Lopes de Melo, do 3º ano, conta que aprendeu muito com as canções e histórias: “Com a música ‘Aprendendo a somar’, consegui compreender melhor a Matemática. Tenho dificuldades com a disciplina, mas depois tudo ficou mais fácil”, afirma.

A coordenadora pedagógica Marcélia Ribeiro conta que a apresentação trouxe momentos de fantasia e entretenimento para a garotada. “Sabemos que a alegria e a diversão são fundamentais na vida de todos e, mais do que isso, a canção infantil é também uma forma de conhecimento, sendo uma grande aliada para ajudar as crianças a entenderem as mais intrincadas questões do seu dia a dia, como as sociais, emocionais e de outras disciplinas. As canções infantis têm sido usadas pelos professores para trazer um novo enfoque sobre um conteúdo a ser apresentado para o aluno, sem a frieza da linguagem puramente informativa e, ao mesmo tempo, criando momentos de prazer com graça, sutileza e emoção”, afirma Marcélia.

Tununho conta ainda que, além das apresentações nas escolas, está investindo em materiais para realizar seu trabalho em festas infantis. “Quero levar educação e cultura para as crianças. Utilizar a música e os movimentos como instrumento de ensino, motivar quanto à importância de brincar e de viver a infância. Estou recebendo de retorno o brilho dos olhos deles, o despertar da concentração que não existia, o sorriso do prazer de estar ali curtindo cada minuto. Isso pra mim não tem preço, é gratificante demais”, conclui.

Centro Educacional Moinho Feliz
Rua Murupê, 294 – Paciência – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23580-120
Tel.: (21) 2406-2715
E-mail: moinhofeliz@hotmail.com
Diretora: Ademilde de Farias
Fotos cedidas por Tuninho



Os vencedores que deram exemplo de educação

A Fundação Victor Civita (FVC), em parceria com a Rede Globo e com a Fundação Roberto Marinho, contemplou dez professores na 17ª edição do Prêmio Educador Nota 10, o mais importante prêmio de Educação da América Latina.

Criada em 1998, a gratificação tem como objetivo promover os projetos pedagógicos de professores, diretores, coordenadores e orientadores educacionais de escolas públicas e privadas, que visam a importância da aprendizagem de crianças e jovens e como despertar o prazer pelo conhecimento. Com mais de 3 mil inscritos, foram selecionados 50 dos quais saíram 20 finalistas e, em seguida, os dez melhores.

Conheça o projeto de cada vencedor:

1 – O povo conta

(Santo Antônio do Monte/MG)

Ao perceber um grande desinteresse e principalmente erros na escrita dos alunos, a professora de Língua Portuguesa da 6ª série, **Ana Cláudia Santos**, decidiu agir para reverter a situação ensinando a diferença entre texto escrito e oral. A metodologia aplicada foi através de contos populares. Cada estudante foi solicitado a registrar e levar por escrito as histórias contadas por seus familiares. O objetivo? Criar um livro. No desenvolvimento do projeto, a professora trabalhou análise, reescrita e aprimoramento de texto. A preocupação da educadora não era melhorar um único texto do aluno, mas sim que ele fosse capaz de aperfeiçoar a si mesmo enquanto autor das histórias. O livro intitulado "O povo conta" está disponível em versão digital (*e-book*), no site criado pela escola para divulgação de trabalhos, no qual há seis contos criados pelos estudantes, além de uma explicação sobre o tema central. Para obter a obra acesse: www.redereinventando.com.br

*contato: santosclaudiaana@hotmail.com



2 – O trabalho com medidas

(São Paulo/SP)

Para sair do trivial, a professora de Matemática da 2ª série, **Andréa de Fátima Dias Tambelli**, decidiu inovar, levando os alunos a uma cozinha fictícia para ensiná-los o sistema de pesos e medidas. Usando receitas culinárias para que os estudantes obtivessem diversos instrumentos de medidas, como copo, colher, medidor e balança, os participantes puderam atribuir sentido à teoria. Com o objetivo de potencializar a compreensão aos cálculos, Tambelli propôs a dinâmica que faz relação com o dia a dia do aluno. A proposta, que ensina Matemática com alimentos, foi aprovada pela coordenação da escola, que prevê a sua transformação em projeto permanente de ensino.

*contato: andreatambelli@vila.com.br



3 – Os guardiões dos sambaquis

(Joinville/SC)

Com o intuito de fazer os alunos conhecerem sua própria região, a professora de História da 6ª série, **Angela Maria Vieira**, projetou exposições, entrevistas e passeios arqueológicos para explorar a temática dos sambaquis. Os estudantes que desconheciam o tema passaram a compreender o contexto de onde vivem, trabalhando em prol do meio ambiente, história, cultura e arqueologia do bairro. Um dos seus objetivos é estimular o protagonismo, ou seja, os conhecimentos adquiridos serão repassados para a comunidade a fim de que as pessoas entendam a importância dos sambaquis como patrimônio histórico e arqueológico e auxiliem na sua preservação. O projeto é resultado de um trabalho de três anos e visou a valorização da história local. Inspirada no educador Paulo Freire, Angela ressalta o pensamento: "Ensinar não é despejar conteúdos na mente do aluno e ignorar o seu coração e sua experiência de vida. O ensino realiza-se de forma dialógica entre professor e aluno, por meio de uma educação problematizadora que supere a contradição educador-educandos".

*contato: angela.historia@gmail.com





4 – Lugar de circo é na escola

(Macau/RN)

Foi com corda bamba, malabarismo e palhaçaria que o professor de Artes do 9º ano, **Emanuel Alves Leite**, conseguiu ser um dos vencedores do concurso. Trabalhando linguagem e técnica circense, o educador propôs apresentar aos jovens estudo sobre o circo popular, um atrativo da cidade montado no antigo lixão no bairro onde a escola é localizada, e o circo moderno, através de análise do *Cirque du Soleil*. Antes de ser professor e se formar em teatro, Emanuel foi artista circense, o que despertou simpatia nos alunos imediatamente, passando a ser carinhosamente conhecido por eles como o “professor palhaço”.

*contato: emanuelcoringa@hotmail.com

5 – Escrevendo com lenga-lenga

(Sorocaba/SP)

Frases curtas, repetitivas e com rimas foram o ponto alto do projeto da professora de alfabetização do 1º ano, **Mara Elisabeth Mansani**. Com o objetivo de criar histórias com “lenga-lenga”, que são pequenas frases com repetição, portanto de fácil memorização, os alunos puderam explorar a criatividade, expressando suas fantasias. A metodologia aplicada foi escolher um personagem e depois criar uma história em grupo utilizando a técnica. A atividade resultou em cinco livros produzidos pelos estudantes e editados por Mara, além de 500 impressões físicas e um dia de lançamento para os pais e conhecidos dos alunos.

*contato: mansanimar@hotmail.com





6 – O desenho como expressão

(Santa Rita do Sapucaí/MG)

Desenhar dispensando o lápis e o papel, foi assim que a professora de Artes da 5ª série, **Maria da Paz Melo**, explorou a sintaxe da linguagem visual. O tema surgiu quando os alunos passaram a manifestar dificuldades na hora de criar desenhos simples. A educadora, então, pensou em uma estrutura que desse prazer aos estudantes na hora de criar. Com uma metodologia sustentável, eles começaram a desenvolver desenhos com materiais orgânicos descartados pela natureza, como galhos, sementes, folhas, pedras, cinza de produtos queimados e em algumas ocasiões até o lixo encontrado debaixo das árvores. Usando estes itens, desenharam no chão, criando mandalas, esculturas e figuras humanas. As obras tiveram um caráter efêmero, porque depois foram desmanchadas.

*contato: paxomnia56@yahoo.com.br

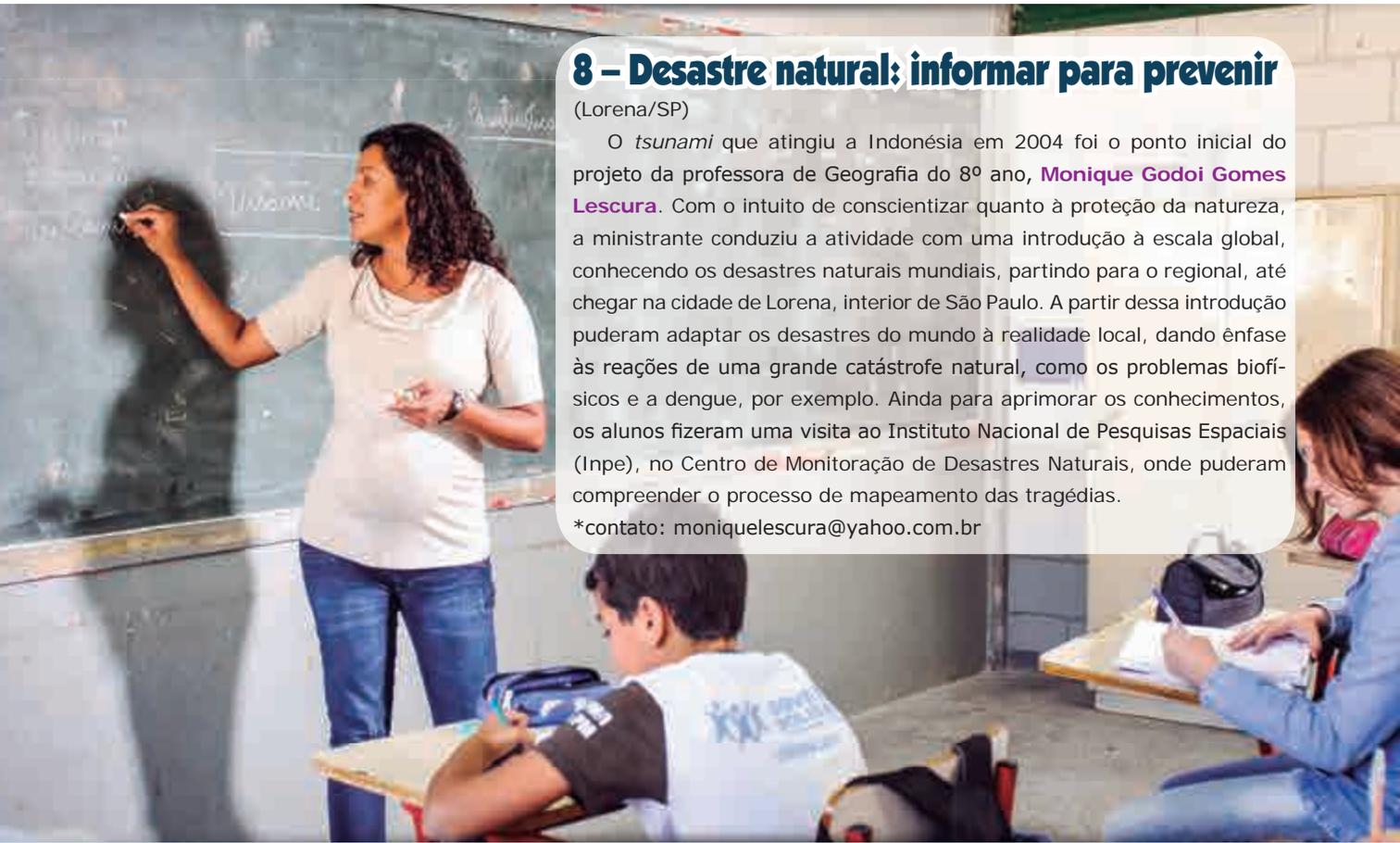
7 – Ser arquiteto por um dia

(Apucarana/PR)

Cálculos e artes fizeram parte do projeto da professora de Matemática do 8º ano, **Marlene Garcia Alves**, que teve como objetivo trabalhar os planos cartesianos na produção de formas geométricas. Ao submeter o aluno a ser um arquiteto por um dia, a atividade afastou da disciplina a má fama de ser difícil e complicada, deixando-a ao alcance da compreensão dos participantes, pois a proposta foi trabalhar com conteúdo que faz parte do cotidiano dos estudantes. Os jovens produziram fachadas, como as da escola, ligando pares ordenados até surgirem os desenhos geométricos.

*contato: marlenegalves@hotmail.com





8 – Desastre natural: informar para prevenir

(Lorena/SP)

O *tsunami* que atingiu a Indonésia em 2004 foi o ponto inicial do projeto da professora de Geografia do 8º ano, **Monique Godoi Gomes Lescura**. Com o intuito de conscientizar quanto à proteção da natureza, a ministrante conduziu a atividade com uma introdução à escala global, conhecendo os desastres naturais mundiais, partindo para o regional, até chegar na cidade de Lorena, interior de São Paulo. A partir dessa introdução puderam adaptar os desastres do mundo à realidade local, dando ênfase às reações de uma grande catástrofe natural, como os problemas biofísicos e a dengue, por exemplo. Ainda para aprimorar os conhecimentos, os alunos fizeram uma visita ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), no Centro de Monitoração de Desastres Naturais, onde puderam compreender o processo de mapeamento das tragédias.

*contato: moniquelescura@yahoo.com.br



9 – Baía de Babitonga: nosso berçário natural

(Joinville/SC)

Com foco na preservação ambiental, a professora de Educação Infantil pré-escolar, **Paula Aparecida Sestari**, apresentou aos seus alunos a diversidade animal em um manguezal. Através de leituras, fotos, vídeos e até mesmo uma visita para conhecer de perto o mangue da Baía da Babitonga, os pequenos estudantes aprenderam sobre a importância do nosso ecossistema que precisa ser cuidado e valorizado. O resultado se tornou um grande aprendizado em forma de arte, pois as crianças tiveram que criar uma maquete do manguezal, além de reproduzir na decoração do interior da instituição tudo o que aprenderam durante as aulas.

*contato: paulasestari@hotmail.com



10 – As mil e uma noites

(Ituverava/SP)

Clássicos da literatura oriental tornaram as aulas mais inspiradas aos alunos da professora de Língua Portuguesa do 4º ano, **Renata Maria Pontes Cabral de Medeiros**. Após mergulharem no universo dos contos árabes, os estudantes puderam escrever suas histórias baseando-se nos enredos dos personagens mais famosos desse contexto, como Aladim, Simbá, O Marujo e Ali Babá, por exemplo. As produções literárias acabaram por se tornar um livro que circulou em toda a escola e chegou a toda a comunidade local.

*contato: renatapcmedeiros@hotmail.com

O Prêmio Educador Nota 10 já reconheceu o trabalho de mais de 190 profissionais no Brasil. Para este ano, podem se inscrever professores das redes públicas e privadas e de escolas comunitárias ou filantrópicas de acesso público, urbanas ou rurais de todo o território nacional com trabalhos realizados e concluídos no ano letivo de 2014 ou no 1º semestre de 2015. Para mais informações acesse: www.fvc.org.br

Colaboração: Richard Günter

Fundação Victor Civita
Av. das Nações Unidas, 7.221 – 6º andar
Pinheiros – São Paulo/SP
CEP: 05425-902
Tel.: (11) 3037-4338
E-mail: fvc@fvc.org.br
Fotos cedidas pela Agência Ahead Comunicação



Projeto água: rios de conhecimento

Tony Carvalho

Embora o Brasil lidere o *ranking* das nações com disponibilidade hídrica em rios, a poluição e o uso inadequado comprometem esse recurso em várias regiões do país. Nas cidades, os problemas de abastecimento estão diretamente relacionados ao crescimento da demanda, ao desperdício e à urbanização descontrolada, que atinge regiões de mananciais. O corpo docente do Colégio Estadual Várzea da Alegria, em Belford Roxo, decidiu trazer para a escola a discussão sobre esse problema que, para alguns estudiosos, num futuro não tão distante será a causa principal de conflitos entre nações.

O projeto possibilitou aos alunos descobrirem os motivos e as causas reais dos problemas que o país vem enfrentando com a poluição, falta d'água e o desmatamento. À medida que o projeto transcorria, os estudantes foram percebendo as interferências negativas e positivas que o homem pode fazer na natureza. Eles reconheceram que a qualidade de vida está ligada às condições de higiene e saneamento básico, concluindo que se faz necessário adotar, por meio de atitudes cotidianas, medidas de valorização da água a partir de uma postura crítica. "Vimos a necessidade de ter um projeto na escola que abordasse esse tema tão importante, como forma de sensibilizar alunos, professores e toda a comunidade escolar em torno dessa questão que preocupa o país e o mundo", relata a coordenadora pedagógica Patrícia Lins.

Cada uma das 20 turmas do Ensino Médio trabalhou um subtema de forma transdisciplinar, contando com o auxílio de professores-tutores. "A temática envolveu todas as áreas do conhecimento. Os docentes utilizaram parte do horário das aulas para ajudar no processo de produção e esclarecer dúvidas. Os alunos também compareceram à escola em outros horários para dar seguimento à confecção do material a ser apresentado na culminância", complementa Patrícia.

Uma das turmas do 1º ano destacou a reutilização da água, enquanto outra apresentou o resultado de uma pesquisa sobre volume dos rios versus poços artesianos. "Na turma em que atuei como tutor levantamos um dilema: ter água para gerar energia ou para o consumo? Os alunos avaliaram que no Brasil ela representa um importante recurso energético mas, diante da escassez, a manutenção da vida é a prioridade", argumenta o professor de Geografia Gedielson Silva. Já os docentes de Sociologia e Filosofia Sebastião Santos e de Geografia Cíntia Rezende apresentaram, com alunos do 2º ano, um estudo sobre a evolução do vaso sanitário, desde o Império Romano aos dias atuais. Com outra turma do 2º ano, a professora de Língua Portuguesa Suellen Monteiro explorou o subtema "Das águas naturais às águas culturais".

Segundo ela, o projeto possibilitou aos jovens produzirem textos de variados gêneros literários. "A partir de dados





O projeto possibilitou aos alunos descobrirem as causas reais dos problemas que o país vem enfrentando com a poluição, falta d'água e o desmatamento



coletados de jornais, crônicas, poemas, canções, verbetes de dicionários e da observação de gravuras, os alunos fizeram suas próprias reflexões e exprimiram os seus pensamentos". A professora de Biologia Cidália Cruz abordou, com alunos do 3º ano, o continente gelado: o Antártico. "O projeto me inspirou a falar de algo que ando estudando bastante. Estou envolvida numa associação de pesquisadores sobre mares e polos, cujo objetivo é a difusão da ciência. Poder compartilhar parte desse conhecimento com os alunos é gratificante", afirma. Os estudantes apresentaram vários experimentos que mostram como ocorre o sistema de resfriamento do planeta.

As apresentações contaram com a presença da representante da 7ª Coordenadoria Regional Metropolitana, Aline Drumond. "Acompanhamos com alegria esse tipo de projeto porque percebemos que não se trata de um acontecimento de um dia, apenas para registrá-lo em fotos. Trata-se de um processo através do qual o aluno tem uma aprendizagem significativa em que ele constrói, participa e internaliza esses conceitos. E é isso o que a gente espera, porque o aluno não está aprendendo apenas para tirar nota. Não é educação para a sala de aula, mas para a vida", declara.

O orientador educacional Cirleto Alves da Silva acompanhou toda a movimentação da escola durante as etapas do projeto: "Os grupos vinham sempre à minha sala pedir

orientações e sugestões. Eles se envolveram bastante e não pouparam esforços para apresentar o melhor possível". Joelma Cunha de Moraes, diretora adjunta, destaca a participação dos familiares no processo. "Buscamos sempre a interação escola-família. Nesse projeto, em especial, os alunos tiveram o acompanhamento dos pais, que os ajudaram na montagem de estandes e autorizaram a ida à Praia de Mauá, onde fizeram estudo de campo".

A diretora-geral Sandra Regina Cardoso enfatiza as diferentes abordagens adotadas dentro e fora da sala de aula que contribuem na formação de cidadãos críticos. "O que pretendemos é que esses jovens mudem as atitudes tanto em relação ao consumo consciente da água quanto em outras questões do cotidiano. Mudanças que só através da educação poderão ocorrer", conclui.

Colégio Estadual Várzea da Alegria
Rua Cromita, s/nº – Várzea da Alegria
Belford Roxo/RJ
CEP: 26183-660
Tel.: (21) 3135-5014
E-mail: cevarzeadalegria@hotmail.com
Diretora-geral: Sandra Regina Cardoso
Fotos: Tony Carvalho



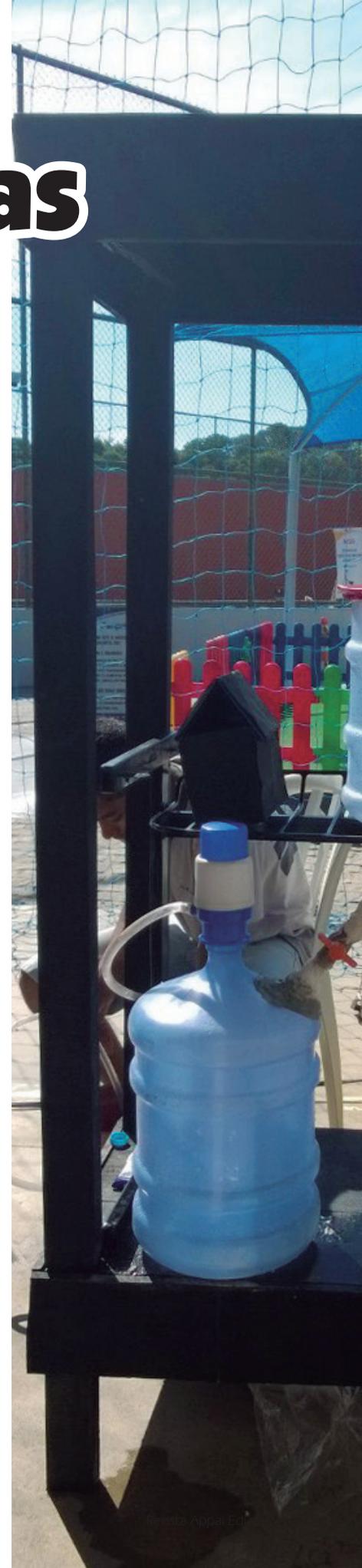
Jovens cientistas criam gerador hidrocínético

Sandra Martins

“**G**overno do RJ estuda dessalinizar água do mar para abastecimento do estado”; “Moradores do Rio buscam alternativa para ter água e Secretaria faz operação”; “Cidades das Região dos Lagos sofrem com falta d’água”; “Cedae investe em projetos de reúso”.

Cotidianamente, a mídia nacional mostra as danosas consequências da falta d’água e uma equação que não fecha, cujas parcelas incluem má gestão pública, descaso da própria população e o uso inadequado dos recursos naturais, resultando num meio ambiente desequilibrado e perdas irreparáveis para o planeta. O momento é de sensibilização de todos para a procura de estratégias eficazes para que o cidadão sofra menos com a falta de um dos bens mais preciosos para todos os seres – a água – assim como a da produção de energia. Como o tema atinge a todos indiscriminadamente, um grupo de estudantes do Colégio Estadual Frederico Azevedo (Cefa), no bairro de Itaúna, São Gonçalo, resolveu dar sua contribuição e criou um Gerador Hidrocínético, que produz energia com o uso de água reaproveitada.

A iniciativa dos “professores Pardais” – referência ao personagem de Walt Disney que representa um inventor genial da cidade de Patópolis – foi desenvolvida para representar o colégio na I Feira de Ciências e na II Mostra do Programa Mais Educação. O evento foi promovido pela Regional Metropolitana II e realizado no





Sesc de São Gonçalo, e reuniu cerca de 500 alunos de 50 escolas da região, contando com autoridades das secretarias de educação estadual e municipal. Os jovens cientistas foram indicados pela professora de Biologia Lady Cassano Barros, que relatou que, após inscrever o colégio, lembrou de uns alunos do 9º ano, que sempre apareciam na sala com alguma “invenção”.

Já que o assunto trabalhado era “energia” a professora explicou aos alunos sobre a possibilidade de a equipe realizar alguma atividade dentro do conteúdo dado. Imediatamente, José Roberto e Roberto (da turma 903) toparam o desafio. Eles apresentaram os nomes de outros dois amigos da equipe – Rafael (da 902) e Gustavo (da 901) –, pois o grupo tinha uma ideia para gerar energia. “Achei interessante e abracei a ideia deles. Eu os levei para a nossa reunião onde expuseram a proposta para o corpo docente. Todos a acharam bastante interessante”, disse Lady Cassano.

A equipe de “cientistas” foi formada por: Gustavo Pessanha Ribeiro Vilela de Almeida, 14 anos, futuro arquiteto; Rafael Menezes Villar, 15 anos, passou para a Faetec, onde está estudando Eletrotécnica e vislumbra cursar Engenharia Mecânica; Roberto Marins Teixeira Júnior, 14 anos, atuará no campo da Automação Industrial; e, finalmente, José Roberto Cardoso, 16 anos, que planeja sua formação em Engenharia Eletrônica.

“Foram somente três meses para amadurecer a ideia e elaborar o protótipo que reutiliza a água para a geração de energia”, falou José Roberto, ao afirmar que todo o material utilizado era reciclado, inclusive a água que gera a energia. Ele frisou a importância deste fato, ainda mais em tempos de falta de água, racionamento e campanha contra o desperdício deste líquido precioso.

Representar o colégio numa feira estadual não é uma tarefa fácil, ainda mais quando este evento ocorre concomitante às aulas, ou seja, o projeto não poderia ser uma intervenção danosa ao rendimento escolar. Com o intuito de incentivar e apoiar os alunos, que trabalharam arduamente, Lady Cassano afirmou que eles contaram com o apoio da comunidade escolar, que inclui as diretoras Cristina Valéria Villas Boas, Linneia Brito de Medeiros Bravo e Angela Elizabety Simões Salles Pinto; a coordenadora Maria da Conceição Serra de Deus Rodrigues e os professores, tanto da casa – Cláudio Augusto Vieira Rangel (Ciências) e Marcelo Magalhães de Souza (Física) – como os colaboradores – Cesar Genn (Biologia) e Joaquim Aymore (Pedagogia e Técnico em Rede Elétrica).

A proposta de reutilização da água (recurso natural esgotável) como veículo dessa geração foi de José Roberto. “Para tornar o projeto sustentável, optamos pelo reaproveitamento da água. O que antes era desperdiçado (água de máquina de lavar, da chuva etc.) seria reutilizado para gerar energia”.

Foi utilizado um suporte de madeira para montar o sistema. Em cima, um galão armazenava a água “usada”. Após abrir a válvula, o líquido desce, faz girar uma hélice (retirada de um motorzinho de videocassete) e acende uma luz. A diferença entre a altura do nível da água e a velocidade com que ela cai faz gerar energia. E o diferencial é que isso tudo acontece com água reutilizada!

A água que cai no galão de baixo é bombeada manualmente para o galão de cima e o processo se reinicia. Como o tempo foi curto, os meninos não tiveram condições para concretizar o projeto todo. “Trabalharemos este ano em sua segunda etapa! Tentaremos transformar a energia gerada de 12 volts para 127, de forma que ela possa alimentar uma bomba hidráulica, que impulsionará a água, evitando o trabalho de alimentação manual do sistema”, afirmou José Roberto.

Feliz e orgulhosa pelo desempenho dos seus alunos e pela parceria que construíram ao longo dos anos, Lady Cassano fez questão de ressaltar que os adolescentes idealizaram e concretizaram um projeto, com base nos conteúdos desenvolvidos em sala de aula, integrando conhecimentos da Física, da Biologia e da Matemática. “E assim cumprimos nosso papel de educadores: despertamos o interesse científico e alertamos para a necessidade de criar alternativas para proteger o meio ambiente”. A experiência, segundo ela, foi prazerosa e relevante. “Mexeu com a autoestima de todos: dos alunos, que mostraram condições de desencadear um processo reflexivo envolvendo trabalho de equipe num projeto importante para a sociedade e contemporâneo; dos educadores e de toda a comunidade escolar, que viram a escola ser bem representada, elogiada por autoridades – como o ex-secretário de Educação Wilson Risolia, em visita à Feira de Ciências –, e com uma visibilidade midiática positiva”, concluiu a professora Lady Cassano.





Sob a temática "energia", o grupo de cientistas da disciplina de biologia, do 9º ano, criou o gerador hidrocínético no qual faz reaproveitamento da água da chuva e máquina de lavar



Colégio Estadual Frederico Azevedo (Cefa)
Rua Melo Freire, 50 – Itaúna
São Gonçalo / RJ
CEP: 24474-090
Tel.: (21) 3119-5792
E-mail: cefaconexao@gmail.com
Professora de Biologia: Lady Cassano Barros
Fotos cedidas pela professora



Histórias contadas através de **QUADRINHOS**

JÉSSICA ALMEIDA

Una imagem vale mais que mil palavras. Com esse pensamento, a professora, pedagoga e Mestre em Educação Cristina Silveira sempre utilizou os quadrinhos como recurso em sala de aula. A educadora, que atua na área há mais de vinte anos (leciona desde os 16), e já trabalhou com todos os segmentos, da Educação Infantil ao Ensino Superior, acredita que a imagem aliada ao texto é “imbatível na comunicação de uma ideia”. Com intuito de difundir esse pensamento para outros professores, a Appai, através do Benefício da Educação Continuada, fez um convite a Cristina para ministrar palestras com esse tema para os associados.

De acordo com a educadora, o contato com as histórias em quadrinhos começou em 2000, quando era coordenadora pedagógica de uma escola pública e buscava materiais motivacionais para alunos e professores. “Principalmente das disciplinas tidas como mais áridas, como Matemática, Física e Química. Ao conhecer o trabalho do professor Francisco Caruso contratei a palestra que levava o pesquisador até a escola. Na época, eu concentrava meus estudos na questão da motivação da aprendizagem e me apaixonei pelo tipo de trabalho”, relata.

No ano seguinte, começou a funcionar na Uerj, sob a coordenação de Cristina e do professor Caruso, o projeto *EDUHQ – Oficina de Educação Através de Histórias em Quadrinhos e Tirinhas*. No site www.cbpf.br/eduhq estão

A PROFESSORA CRISTINA SILVEIRA AO LADO DE EXEMPLARES DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS QUE SÃO USADOS DURANTE AS OFICINAS



NAS OFICINAS, CRISTINA APRESENTA OS ELEMENTOS QUE COMPÕEM AS HISTÓRIAS E MOSTRA DIVERSOS EXEMPLOS, DISCORRENDO SOBRE SEUS USOS PEDAGÓGICOS E DIDÁTICOS

disponíveis todas as informações, assim como as disciplinas que podem ser abordadas, público-alvo e atividades desenvolvidas. É possível encontrar também mais de 1.000 tirinhas, de vários campos do conhecimento, que os professores podem baixar e usar à vontade.

A educadora explica que o projeto consistia em colocar os alunos em contato com pesquisadores de diversas áreas e instituições (Uerj, UFRJ, Mast, Fiocruz, entre outras), tanto na sede (Uerj) como fora (museus, teatros, centros culturais e históricos), e nas instituições dos pesquisadores. Segundo ela, em aulas informais, os estudantes aprendiam assuntos do interesse deles, além de terem reforços em Matemática, Física, Química e outras disciplinas que desejassem e necessitassem. Os ensinamentos apreendidos eram “traduzidos” em forma de tirinhas que eram tratadas digitalmente e colocadas no *site* do projeto, passando a compor o acervo. “Os alunos que participavam eram selecionados por mim, nas escolas públicas onde eu trabalhava, e alguns, de escolas particulares, eram levados pelos próprios estudantes, que conheciam alguém que desenha bem e gostaria de participar”, explica.

Cristina conta que assumiu a matrícula na Secretaria de Educação de Duque de Caxias e as demandas da rede foram provocando o seu afastamento do projeto, que acabou se extinguindo em 2011. “Porém, esse trabalho deixou um legado fabuloso: o livro “Questões Ambientais em Tirinhas”, publicado pela LF&Publicações, em 2008, do qual sou coorganizadora, além de autora de algumas tirinhas”, conta.

PARCERIA COM A APPAI

A docente relata que há muitos anos viaja pelo Brasil palestrando e oferecendo oficinas pedagógicas para professores, gestores e alunos. De acordo com Michele Adum, do Benefício Educação Continuada, a professora Cristina ministra palestra na Appai desde 2012 e, além da oficina de História em quadrinhos em sala de



RENATA SADER, ORGANIZADORA DOS LIVROS "LER É" E "QUESTÕES AMBIENTAIS EM TIRINHAS", POSA AO LADO DA ALUNA QUE TAMBÉM TEVE SEU TRABALHO PUBLICADO E AO LADO DE SUA RESPONSÁVEL



aula, também realiza outra sobre Ziraldo na sala de aula. "Conheci o trabalho da Cristina através da indicação de outro palestrante. Na primeira palestra ministrada por ela, os associados demonstraram interesse e satisfação no conteúdo aprendido, tanto que surgiram esses trabalhos e projetos realizados nas escolas e secretarias", explica. Michele destaca ainda a importância das histórias em quadrinhos em sala de aula: "Todo conhecimento e atividade que perpassem pelo desenvolvimento infantil e pela construção do conhecimento, quando bem adaptados e desenvolvidos, contribuem para a prática educacional do professor e, conseqüentemente, para o processo de aprendizado do aluno", ressalta.

Nas oficinas, Cristina sempre faz uma apresentação histórica dos quadrinhos, falando das origens no Brasil e no mundo. Apresenta os elementos que o compõem e mostra diversos exemplos, discorrendo sobre seus usos pedagógicos e didáticos, além de citar *sites* e programas de confecção de quadrinhos brasileiros e estrangeiros. Costuma também "desafiar" os presentes a criar, exercitando o que aprenderam. "São oficinas dinâmicas e muito prazerosas, tanto para mim quanto para os participantes", afirma.

Numa das que realizou com educadores na Appai, participou a professora Renata Sander, da SME do Rio de Janeiro,

que faz os cadernos pedagógicos da rede para os alunos do 6º ano. Cristina lembra que ela buscava aprendizado sobre o uso pedagógico dos quadrinhos. "Dei ela um exemplar de 'Questões Ambientais em Tirinhas' e ela utilizou os conhecimentos adquiridos para desenvolver o trabalho com os estudantes das escolas da rede, além de usar o livro como inspiração, o que culminou em uma publicação feita pelos próprios alunos, inspirada na obra", explica.

Renata conta que a partir daí "nasceu" a curiosidade de conhecer as criações dos alunos. "Recebi todo o estímulo da professora Maria de Nazareth Vasconcellos, coordenadora de ensino, e solicitamos que as unidades escolares enviassem seus trabalhos. Chegaram até nós aproximadamente 2.000 produções, que se transformaram nas publicações 'Ler?! O que é?!' e 'Meio Ambiente...E o nosso futuro?', das quais sou organizadora. Essa é uma obra nossa, dos alunos e professores do 6º ano!", afirma.

Os dois livros reúnem as histórias criadas pelos estudantes da rede municipal e têm como objetivo valorizar a leitura como forma de conhecimento. "Além de constatar que textos não verbais são formas de expressão e reconhecer nos



A SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO REGINA HELENA DINIZ FOI UMA DAS PESSOAS RESPONSÁVEIS PELA ENTREGA DOS LIVROS AOS ALUNOS E SEUS RESPONSÁVEIS



verbais possibilidade de acesso a conteúdos de qualquer natureza. Em resumo, a escrita como produção de significados”, completa Renata.

De acordo com ela, para lançamento dos livros foi realizado um evento que contou com a presença dos alunos que tiveram seus trabalhos publicados, responsáveis e professores que desenvolveram e estimularam as produções, além da direção e coordenação pedagógica das unidades escolares. “Integrantes das gerências das Coordenadorias de Educação também prestigiaram o evento e incentivaram o envio das produções à SME. Cristina também participou, conversando com os alunos e os parabenizando pelas produções”, conta Renata.

Outro professor que também se inspirou nas oficinas de Cristina foi Carlos Alberto Barbosa, professor de Português, Literatura e Redação. “Conheci o trabalho da Cristina, em 2007, na oficina ‘Ziraldo na sala de aula’, num evento na Caixa Cultural, que comemorava 25 anos do Menino Maluquinho. Em 2014 participei da oficina dela na Appai, sobre a aplicação dos quadrinhos na sala de aula e desenvolvi em seguida na turma do 6º ano no Colégio Blap”, lembra.

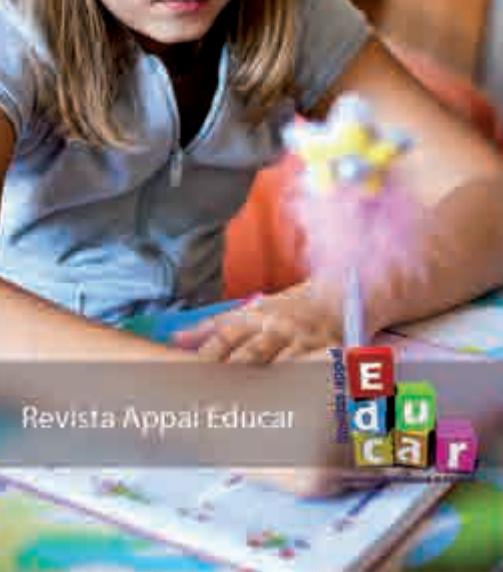
Carlos conta que precisava trabalhar o livro paradidático “Alguém tem que ficar no gol” e achou interessante utilizar

a linguagem dos quadrinhos, por ser adequado ao perfil da turma e por facilitar a assimilação do conteúdo. “Pedi previamente a leitura do livro e marquei uma data para a produção do trabalho. No prazo combinado expliquei os elementos básicos para a sua elaboração, dividi a turma em quatro grupos de cinco alunos e dei total liberdade para a criação. A atividade foi realizada em quatro tempos ao longo de dois dias. Eles apresentaram, explicando como produziram, culminando com a leitura descontraída do material”, explica.

O educador relata ainda que, através desse trabalho com histórias em quadrinhos, os estudantes perceberam a importância de cada membro do grupo, entendendo e descrevendo com riqueza de detalhes, e numa outra linguagem, o conteúdo do livro. “Houve um melhor desempenho no discurso oral e na produção textual, trazendo à tona também a criatividade de alguns alunos, antes não percebida”, conclui.

Para assistir essa e outras palestras você pode acessar o site da Appai (www.appai.org.br) e se inscrever através da página da Educação Continuada. Acompanhe também nossas atividades pelas redes sociais: *Facebook* (www.facebook.com/appairj) e *Instagram* (instagram.com/appairj).

FIM.



Revista Appai Educar



Médico Ambulatorial Básico



Seguro de Vida em Grupo

BENEFÍCIOS



Dança de Salão



Caminhadas e Corridas



Benefício Passeio Cultural



Jurídico



Seguro para Cobertura de Algumas Doenças Graves



Assistência Flex Domiciliar



Assistência Funeral



Educação Continuada



Serviço Social



Odontológico Ambulatorial Básico